

o bisturi

Ano XXXII

Número 117

8 de fevereiro de 1967

Órgão oficial do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Vende-se Universidade

EDITORIAL — Páginas 6 e 7

discutindo a pílula



A pílula: este foi o mais controverso dos vários temas tratados no II Congresso Católico de Medicina, no qual pontificaram os nomes dos pro-

fessores Paul Chauchard e John Rock e do Padre Marc Oraison (à direita, na foto).
página 8

queda de um sonho

Seguindo a máxima, um tanto caduca, de Washington Luís ("Governar é abrir estradas"), o Reitor Gama e Silra dedica-se a abrir suas rodovias particulares. Mesmo que para isso tenha que derrubar alguns sonhos antigos. Ainda que estes tenham sido os de um Armando de Salles Oliveira. O prédio "j" do Conjunto Residencial da Cidade Universitária caiu. E logo será inaugurada a avenida, que, certamente, receberá o nome daqueles que por ela batalharam. Leia na última página.



ULHÔA NÃO VÊ DEMOCRACIA SEM EDUCAÇÃO

Assim pensa o professor Ulhôa Cintra, novo Secretário da Educação, que, na página 3, explica o que é a universidade, quais as suas perspectivas nesta nação e qual o papel do jovem.
página 3



QUANTOS CABEM NAS VAGAS AUMENTADAS?

página 9

PAULO DUARTE: A AVENIDA DOS RINOCERONTES

página 1

TRAVASSOS DIZ O QUE UEE VAI FAZER AGORA

página 5

À VENDA

A assinatura do acôrdo MEC-USAID, em conformidade com o relatório do professor norte-americano R. Atcon, nôvo planificador da educação nacional nos moldes do *american way of life*, é o tiro de misericórdia para a Universidade Brasileira, que já agonizava desde a implantação do govêrno de abril. E não poderia deixar de assim ser, porque padecemos de um longo mal cultural, que dificilmente será sanado, dentro das atuais estruturas.

Nosso país é classificado como subdesenvolvido. Um dos integrantes do terceiro mundo, no qual, dos 80 milhões de habitantes, 60% são analfabetos e, em consequência, totalmente marginalizado do processo político. O contingente universitário é de apenas... 120 mil estudantes, o que representa muito menos de 0,5% do total. Em circunstâncias normais a dotação orçamentária dos poderes públicos deveria voltar-se, com grande preocupação para o setor educacional, mazela calamitosa da nossa organização social.

Já dizia Konrad Adenauer ser Deus profundamente injusto, pois, tendo limitado a inteligência do homem, não lhe limitou também a burrice. Fechando as escolas, transformando a Universidade de Brasília em quartel, carreando 60% das verbas orçamentárias para as Forças Armadas, contra uns minguados 10% para Educação, pretenderam os homens de abril suprir a insuficiência divina. Isto não significa que pretenderam limitar a burrice de certos setores, em detrimento da inteligência dos universitários.

Não concluam que sejamos contra as Forças Armadas. Somente achamos que elas apenas podem garantir o mesquinho presente. Precisamos apostar no futuro.

O ataque profundo à Universidade, no que ela possui de mais intocável, a autonomia, causou um êxodo de técnicos jamais visto, justamente do local onde a sua permanência era *conditio sine qua non* para superação de estruturas obsoletas e desdentadas. Contrário senso, a migração tecnicista proporcionou, ao desenvolvido mercado imperialista da cultura, mão de obra altamente especializada e sem custos de formação.

Os estudantes, já antes do golpe, com sua luta pela "Universidade para o povo", tentaram penetrar nesta instituição secular, mas pelo sentido inverso: de baixo para cima, com as bandeiras da representação e do número de vagas, com a abolição da cátedra e o aumento do mercado de trabalho. Apesar do apoio ambíguo do então Govêrno Federal, viram seu intento frustrado, muito antes dos eventos de abril.

O inverso do processo — e isto se verifica nos mínimos pormenores, a partir do terrorismo cultural e da Lei Suplicy — certamente fracassará, a curto ou longo prazo, em que pesem os esforços da USAID para criar foundations e instituir o ensino pago. Tal afirmação é insofismável, tanto mais que a Universidade só se desenvolve e cria condições para sua consolidação quando presentes os requisitos necessários à sua manutenção como instituição dinâmica e criadora de valores: liberdade de pesquisa e livre expressão de pensamento. Visto dêsse prisma, vale lembrar a necessidade de variação de tática, no que concerne à nossa antiga luta pela abolição da vitaliciedade de cátedra. Hoje o govêrno levanta nossa antiga bandeira para, através dela, dar um grande passo no caminho da Universidade controlada pela máquina da "Sorbonne". Cabe a nós desmascarar êsse engôdo.

Num país de futuro como o nosso — agora nas trevas, graças ao entreguismo e ao moralismo da anti-subversão — é doloroso constatar que, embora 95% dos postos de direção sejam ocupados por indivíduos de nível universitário, proiba-se aos jovens se manifestar politicamente. E o que é pior: vende-se sua Universidade, trancando-se-lhes as portas da Cultura. Resta saber quem tomará o lugar dos velhos dirigentes.

A menos, que êles se tenham encantado pela lenda da Fênix e pensem poder renascer das suas próprias cinzas, o lugar que hoje êles ocupam é nosso. Em breve

noticiando e comentando

Wanderley Nogueira da Silva, Donald Wilson e Guilherme R. da Silva, são os três concorrentes ao provimento da cadeira de Medicina Preventiva da FMUSP, uma das mais importantes do currículo. O concurso será em março e deverá ser um dos mais concorridos.

SECRETARIO

Para os estudantes em geral,

foi boa a notícia da escolha do professor Antonio Barros de Ulhôa Cintra para a Secretaria de Educação do Govêrno Sodrê. Professor Cintra, que é catedrático da Primeira Clínica Médica de nossa escola e foi reitor da USP de 1958 a 1962, é um homem sério e inteligente: na sua gestão, as "idéias simplórias" e as "avenidas inúteis" não atrapalharão o avanço da cultura.

MOVE SE MOVE
O Movimento de Educação, MOVE, prepara-se para lançar uma campanha de alfabetização em Cananéia, litoral sul, com o propósito de promover educação de base para adultos. O MOVE, que nasceu da chama da "Operação Ubatuba" e que mantém classes em várias localidades, instruindo também estudantes do interior para que realizem trabalhos semelhantes, já conta com mais de um ano de vida.

Este é o segredo da avenida

Pessoas ligadas à Reitoria da Universidade de São Paulo andam cochichando pelos corredores que a causa real e oculta da abertura da já tão famosa avenida da Cidade Universitária é que o carro do reitor Gama e Silva só anda em linha reta...

tar "a intromissão de órgãos técnicos em questões fora de sua alçada", disse que "às vezes, os advogados têm idéias melhores que os arquitetos". Aberto o precedente, os estudantes continuam a insistir que, na maioria dos casos, eles têm idéias melhores que os reitores.

de Secretário da Saúde. O professor Leser é um dos maiores conhecedores do problema da saúde pública e temos a certeza de que sua gestão será profícua.

AINDA SOBRE ELA

Contestando a intervenção do Instituto dos Arquitetos do Brasil na questão da avenida, o sr. reitor, além de não acei-

LESER & CAOC

O CAOC congratula-se com o professor Walter Leser, da Escola Paulista de Medicina, chamado para ocupar o posto

PÊSAMES

Este jornal se associa à dor que todos os alunos da FUMSP sentem pelo falecimento, em circunstâncias trágicas de um colega calouro, Richard F. Simon, que não chegou a frequentar esta Casa.

Estes numeros fazem sentido

Os estudantes foram mobilizados, apesar das dificuldades de fim de ano, para a campanha do "voto de protesto" articulada nacionalmente pelas entidades livres do movimento universitário. Votaram em São Paulo 4099811 eleitores, com 16 por cento de abstenção. Para Senador, a ARENA obteve 1947899; o MDB, 1106174; nulos e brancos, 1025738. Para Deputado, a ARENA teve 1413661; o MDB, 1222573; nulos e brancos, 1442577. Significativo, não?

SEMINARIOS

Serão realizados no fim deste mês, em diversas capitais do país Seminários Regionais da União Nacional dos Estudantes. Seus objetivos e temário são definidos na entrevista que o BISTURI faz com o presidente da UEE de São Paulo, além de uma análise mais completa na página 6 e 7.

um jantar em homenagem ao marechal Arthur da Costa e Silva o subsecretário de Estado Lincoln Gordon, ex-embaixador dos EUA em nosso país, num arroubo oratório pós-prandial, disse:

— O Brasil é minha segunda pátria!

O marechal coçou o crânio e, voltou-se para o seu secretário:

— Eu já ouvi isto antes...

E, após uma pausa:

— Ah! já sei! Foi do Roberto Campos!...

BOB FIELDS AGAIN

Em Washington, quando de

Estas melhorias foram entregues

Durante as férias, foram inaugurados diversos novos melhoramentos no prédio do CAOC. O Centro de Vivência, a Sala de Reuniões "Albert Schweitzer", e a Sala de Biliar foram entregues aos colegas no dia 16 de dezembro, além do fechamento da área de armários e da melhoria da Sala da Diretoria do CAOC.

No mesmo dia tomaram posse a nova diretoria do CAOC, a da AAAOC e a do DC, eleitas em outubro do ano passado e encabeçadas pelos colegas Fausto Carneiro, Egídio Costa Arruda e Antonio Roberto de Cillo.

DIRETAS

Como os colegas se recordam, foram realizadas eleições diretas para as diretorias da UEE e dos DCEs Livres. Os resultados demonstram fundamentalmente dois pontos: a superioridade deste tipo de eleições, te-se aprovada no Congresso de 1965 e pelo numero de escolas participantes e dos votantes (mais de 12 mil), a demonstração clara do reconhecimento da UEE como entidade máxima dos estudantes paulistas.

A chapa "7 de Setembro" foi vitoriosa, tanto para a UEE

quanto para os DCEs Livres. Os novos presidentes são Luiz Travassos, da UEE, Carlos Eduardo Baldijão, do DCE Livre da USP e Antonio Carlos Yazbek, do DCE Livre da PUC. Um colega da FMUSP, Luiz Tamellini, é o primeiro vice do DCE-USP.

A NOMARADINHA DE UM AMIGO MEU...

Ela: Roberto, o que você fez ontem não tem nem nome!!!
Ele: E nem sobrenome, que vou dar no pé...

ADEUS

Esta é a última edição do BISTURI antes da nova Lei de Imprensa. Adeus.

o bisturi

Órgão oficial do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

REDAÇÃO

Av. Dr. Arnaldo, 455
Tel.: 52-1729 — S. Paulo

DIRETOR RESPONSÁVEL
José Knoplich
EQUIPE

DE REDAÇÃO
Franklin Amorim Sayão
Lech M. Scymansky
José A. Adura Miranda

Primo A. Brandimiller
Rui Toledo Barros
Shotaru Imaizumi
Eunofre Marques

A Redação não se responsabiliza por artigos assinados.

ULHÔA EXPLICA UNIVERSIDADE

"A verdadeira democracia é fruto da educação. Se não houver educação das populações e participação ativa destas, com conhecimento de causa, a democracia é uma farsa. Pois, se o indivíduo não entende a linguagem que lhe falam, só age em resposta emocional àquilo que dele desejam, e isto serve à demagogia política de muitos".

Assim é que, para o professor Antonio Barros de Ulhôa Cintra, secretário da Educação e Cultura do governo Sodrê, a democracia, "é o entendimento, por todos os indivíduos, das resoluções que devem tomar e, portanto, um ato intelectual de julgamento".

O professor Ulhôa é também catedrático da Primeira Clínica Médica da FMUSP há muito tempo, e já foi reitor da USP. A sua conta se abre, entre outras coisas, o ter incentivado o andamento e concretizado grande parte do planejamento original da Cidade Universitária Armando Sales de Oliveira.

Para este homem que, poucos dias depois de empesado, já recebia os estudantes para uma entrevista a universidade "tem sido uma torre de marfim". E continua: "alguns professores julgam que, por terem prestado concurso, deram a máxima satisfação à sociedade. Estão enganados. Deveriam estar de olhos atentos à sociedade, para servi-la".

Ele diz que não tem visto, nas universidades do Brasil, nenhum interesse pelos problemas nacionais, a começar pela educação. "Este simples fato de a Universidade ignorar as necessidades do Estado e não saber o que deve fazer, em planejamento, para que este Estado possa garantir a própria educação, significa desvenculamento total dos interesses públicos. Pois a universidade não foi feita para viver na estratosfera e sim para viver agora e sempre, com os pés na terra".

Mas não é só isso. A universidade brasileira também não se interessa "pelos demais

problemas nacionais, como o do desenvolvimento, que é de crucial importância, pois tem reflexos também na educação. No Congresso Internacional de Universidades, realizado há pouco em Tóquio, concluiu-se que a própria autonomia universitária deve ser limitada em função das necessidades sociais". Como a universidade é um órgão de cúpula, "deveria, ao menos, investigar e averiguar fatos e fornecer-lhes ao governo. O próprio governo deve ser instruído e educado por ela. A universidade não deve ficar em sua torre de marfim à espera de que os homens do governo corram a lhe pedir favores".

E o professor faz também um répto: "ou os homens da Universidade tomam uma iniciativa, ou nunca teremos uma universidade".

E o estudante? O secretário da Educação crê que o estudante tem um papel a cumprir e nada o deve impedir de fazê-lo. "O professor — diz — tem de participar da vida. Assim também o estudante. É importante lembrar que este entra cedo na vida, recebe as informações e o impacto de tudo o que há de bom e ruim no mundo, justamente quando está numa fase de imaturidade intelectual e — no entanto — exposto aos mesmos choques que os adultos. É, portanto, relativamente mais vulnerável e precisa de certa proteção. Mas não proteção que o guie e sim que lhe abra as portas da vida, para que ele com seus próprios pés, tome o caminho certo".

Como consequência natural, "não se pode negar ao estudante coisas que são direitos e deveres normais de todas as pessoas. Se lhes solicitamos que votem, que trabalhem, que participem dos conhecimentos das coisas e que procedam no que os adultos chamam de bom sentido, então é necessário e obrigatório dar-lhes todos os meios para que possam discernir, com suas próprias capacidades, o bom e o mau; o falso e o verdadeiro".

nada se pode proibir aos estudantes **Novas Escolas**

"Não se pode proibir que os estudantes participem de coisa nenhuma, mas está claro que, tanto professores como estudantes devem respeitar a instituição onde estão, no sentido de não trazer para dentro dela problemas que dela não são e nem a ela trazem benefícios.

Portanto, a Universidade não deve ser utilizada com fins de prestígio político, nem para professor, nem para aluno: Ninguém deve fazer sua carreira política dentro Universidade, pois para atividade partidária, mutável e passageira, existem fora dela os partidos políticos

acabando tal atividade por abalar a Universidade sem resultados melhores.

Mas assuntos de alta política como por exemplo, questões doutrinárias, devem ser debatidos amplamente na Universidade, que, é claro, devem ter local apropriado para isso.

Não se deve discutir o papel do estudante como se ele fosse um indivíduo isolado, mas como um ser humano fazendo parte de uma coletividade que é a Universidade, em que ele vive, como vivem todas as pessoas que fazem parte de uma coletividade".

"Assiste-se a proliferação de escolas e mais escolas; fui violentamente contra a fundação das escolas de Marília e Taubaté pois não estamos com carência de faculdades no Estado de São Paulo. O que poderia ser feito é ampliar o número de médicos em cada faculdade, e aqui louve-se a velha FMUSP que, com grandes dificuldades e resistências, pretende integrar-se na CU com a abertura de mais 50 vagas para 1968.

Isto de se fundarem novas escolas médicas, com as existentes funcionando com a meta-de de que poderiam comportar, é um verdadeiro absurdo, um desastre, pois tais escolas vão consumir dinheiro ou do município ou do estado e vão produzir médicos de má qualidade, acabando por dar má fama ao município já que nunca poderão competir com as escolas já existentes.

O que estou elaborando em minha mente é a criação de cursos de pós-graduação nos bons hospitais do interior para atualização dos próprios médicos da região e para os da capital que quisessem atuar no interior. Assim haveria internato e residência nesses hospitais sob a orientação de docentes e professores das faculdades, que para lá se dirigiram em rodízio, dando aos médicos os mesmos títulos que obteriam efetuando tais estudos em São Paulo. Haveria, portanto, uma integração desses hospitais de boa qualidade na estrutura universitária, de uma forma mais ou menos remota e independente.

Quanto aos cursinhos resultado do fracasso do ensino médio: no início cumpriam uma função altamente elogiável tendo em próprio conhecimento muita gente honrada que se



Para o professor Ulhôa Cintra, a verdadeira democracia consiste na participação, ativa e consciente do povo no processo político global. Para isso, a educação é uma exigência.

AVENIDAS: UM INTERREGNO TRÁGICO

Lembrando sua passagem pela Reitoria, quando foi feito o planejamento integrador da Cidade Universitária o professor comentou: "se os membros do Conselho Universitário já construído para dar essa denominação a uma praça que seria uma praça horrível em frente a um prédio horrível e se o atual prédio da Reitoria, parece que a expressão saiu à cabeça do Conselho fazendo esquecer o que havia de monumental no planejamento da Cidade Universitária. Bastava que tivessem continuado o que lá estava e a Cidade Universitária teria provavelmente de ser uma grande Cidade levando à formação de uma grande universidade.

Então, no entanto ficaram preocupados em construir uma coisa ridiculamente chamada de

Praca Municipal, parecendo ter a palavra monumental influido de tal forma no espírito do Conselho Universitário que chegaram a derrubar um edifício já construído para dar essa denominação a uma praça que seria uma praça horrível em frente a um prédio horrível e se o atual prédio da Reitoria,

Parece que a expressão saiu à cabeça do Conselho fazendo esquecer o que havia de monumental no planejamento da Cidade Universitária. Bastava que tivessem continuado o que lá estava e a Cidade Universitária teria provavelmente de ser uma grande Cidade levando à formação de uma grande universidade.

A preocupação agora parece ser a de construir, em lugar de prédios, avenidas e mais avenidas, ficando eu imaginando o embeijo que está se gastando na sua construção, isto sim sendo uma ausência de planejamento "interregnum" trágico da Universidade.

preocupava realmente com a melhoria do ensino.

Atualmente o estado de coisas representa a soma dos

problemas de ano após ano e os cursinhos tem um aspecto antipático ou seja: quem tem dinheiro pode estudar, quem não tem não pode.

A AVENIDA DOS RINOCERONTES

ESTUDANTES REPUDIAM LEI DE IMPRENSA

P. A. Brundimiller

O governo militar brindou, no início deste ano, o povo brasileiro com três famigerados mostrengos com os quais tenta institucionalizar sua política de repressão e de cerceamento da liberdade: a nova Lei de Imprensa, a Carta Constitucional e a anunciada Lei de Segurança Nacional.

Mais uma vez, entretanto, os estudantes não se calaram ante a sanna desse governo arbitrário, de fazer silenciar as vozes que, entre as cinzas da Liberdade esmagada em abril de 64 ainda protestam contra a ignomínia que enluta o país.

A nova Lei de Imprensa foi objeto de Ato Público de Protesto ("Encontro com a Liberdade") realizado no dia 9 de janeiro findo, no Teatro Paramount, onde compareceram cerca de três mil pessoas. Participaram do ato e repudiaram não só a Lei de Imprensa, mas toda política governamental, estudantes, trabalhadores, jornalistas, parlamentares, intelectuais, sacerdotes, e como se aconteceu grande número de policiais.

Embora o ato fosse organizado pelos proprietários de grandes jornais e pelo sindicato dos jornalistas, as manifestações estudantis escaparam ao controle da mesa dirigente do ato.

A participação estudantil não se fez de reboque dos organizadores do ato. Assumiu caráter independente e de consciência de que a luta era parcial.

Independente na medida em que compreenderam que a liberdade de imprensa não significa simplesmente liberdade para os grandes jornais, mas que tem um conteúdo mais amplo: significa também liberdade para os jornais que defendem os interesses do povo, dos jornais sindicais, operários e estudantes, para a Folha da Semana; significa real liberdade de manifestação do pensamento para que qualquer tendência ideológica tenha o direito de se manifestar através da palavra escrita e falada. Liberdade do intelectual, do estudante e do trabalhador de defender seus direitos, de manifestar seu protesto e fazer reivindicações.

É parcial na medida em que encarando a luta pela liberdade de imprensa como parte das lutas pela Liberdade. Da luta contra a lei Suplicy e contra a intervenção nos sindicatos; contra a repressão de passeatas, congressos e comícios; contra a extinção de partidos políticos (apesar de nenhum deles defender os interesses do povo); contra os EPMS e as cassações de mandatos; contra as prisões política de estudantes e trabalhadores; contra os quatro atos institucionais e os 24 atos complementares.

Esta experiência, ocorrida num período de férias escolares, quando há um refluxo do movimento estudantil é muito significativa e mostra a disposição do estudantado de impulsionar as lutas pelas liberdades democráticas e continuar intervindo através de mobilizações e manifestações. E o apoio irrestrito à UNE, UEE e DCEs, revela a consciência que existe da importância dessas entidades como centros de atuação política, de intervenção organizada na vida do país.

Essa intervenção deve ser vista como parte de um processo que ocorre como os estudantes em toda parte: na América Latina, na África, na Ásia, na Europa e mesmo nos Estados Unidos. Entretanto, o governo, num primarismo ímpar, insiste em rotular de modo simplista as manifestações de estudantes e trabalhadores, as greves e passeatas, como agitação e subversão.

Entendendo-as como causa, procura reprimi-las. Entretanto, mesmo ante o fracasso das medidas repressivas, não se dá conta de que a pretensa "agitação" que não consegue debelar é um sintoma, o reflexo da crise que convulsiona o país. Crise que é fruto do processo irreversível e inevitável de acúmulo de contradições econômicas e sociais, e que revela que as formas, as estruturas estão superadas pelo conteúdo, já não mais correspondem aos anseios e às necessidades de progresso; pelo contrário entravam toda as possibilidades de desenvolvimento. E constitui outro sintoma desta crise e abaixamento constante do padrão de vida do povo brasileiro que os órgãos governamentais procuram mascarar.

Quando os proprietários de jornais e outros representantes das forças conservadoras que constituíram os estelões do golpe de 1.º de abril agora saem e gritam contra o governo, é porque a situação se torna cada vez mais insustentável mesmo para as próprias classes dominantes.

É sob esta perspectiva que deve ser analisada a luta estudantil.

E a única maneira de impor soluções realmente progressistas e democráticas de fazer recuar o governo militar, está em que a maioria da população tome em suas mãos seus próprios destinos. E o modo de dar forma a esse conteúdo é a luta pelos direitos democráticos a luta pela Assembléia Constituinte Popular.

A localização da Cidade Universitária em terras do Butantã foi feita por Armando de Salles Oliveira, em 1936. Seria necessário, entretanto proceder-se a algumas desapropriações para o complemento da área. Mas Armando de Salles Oliveira deixou o governo de São Paulo e, logo a seguir, instalou-se no país o governo fascista de Vargas. E tudo ficou parado. Na Universidade em suas faculdades, nada parou. Ao contrário, foi imenso o dinamismo manifestado no sentido de quebrar a orientação cultural rígida imposta pelo seu fundador. Os paracaidistas despararam-se sobre ela. A invasão da mediocridade amparada pela política foi intensíssima e contínua. O rinocerontismo que vivia folgado em algumas velhas faculdades caiu sobre a Universidade como essa tromba d'água no vale do Paraíba.

Mas a Cidade Universitária permaneceu estagnada durante vários anos. Um dia, provocado talvez por uma falha de lucidez ou mais provavelmente pelo interesse em negócio de terrenos, fizeram-se algumas desapropriações. Depois houve um lerdoso e preguiçoso esforço de iniciar a construção da Cidade Universitária. Mas tudo lento, desajeitado, sem plano nem orientação.

Até que veio para a Reitoria o professor Antonio Ulhôa Cintra, que teve a grande vantagem de ser prestigiado pelo Governo do Estado. Antes dele o reitor Alípio Correa Neto dispendeu um grande esforço. Foi ele quem construiu as primeiras instalações importantes, como as da Física; foi ele quem asfaltou as primeiras ruas da Cidade Universitária unindo o edifício da Reitoria ao centro de Biologia, da Física e da Escola Politécnica. Mas o professor Alípio Correa Neto tinha que sustentar a sua luta de capacidade e boa vontade contra o próprio governador Janio Quadros, que nunca compreendeu a Universidade e, por isso, opunha obstáculos os mais incríveis ao seu desenvolvimento. Ao passo que o professor Ulhôa Cintra, prestigiado totalmente pelo governador Carvalho Pinto, pôde realizar uma notabilíssima e lucida obra de organização e construção da Universidade.

A Cidade Universitária teve então um desenvolvimento inédito. Organizou-se o Fundo de Construção assistido por um Conselho próprio e pelo Conselho Universitário. Foi nomeado para dirigi-la um professor de Arquitetura e Urbanismo, o professor Paulo Camargo e Almeida. Organizou-se um plano geral da Cidade Universitária, cujos estudos foram feitos por uma comissão composta dos mais acreditados elementos do Instituto de Arquitetos do Brasil. Iniciou-se a execução desse plano. A coincidência da realização dos jogos olímpicos em São Paulo levou o reitor Ulhôa Cintra a propor

Paulo Duarte

ao governo a construção na Cidade Universitária dos alojamentos a milhares de participantes da juventude de todo o mundo. O governo realizaria essas construções pelo Fundo de Construção mas uma vez passada a temporada esportiva, essas construções passariam a constituir os alojamentos dos estudantes residentes na Cidade Universitária. Foram levantados seis pavilhões dos quais se deviam compor conjunto residencial. Ao lado dessas obras, outras importantíssimas foram realizadas ou iniciadas. O edifício de História e Geografia, o conjunto destinado ao Instituto de Química, construções novas no centro da Física, na Escola Politécnica, no Instituto de Pesquisas Tecnológicas e outros. Foram localizadas e estudadas as sedes de todas as entidades universitárias que funcionavam fora da Cidade Universitária, inclusive a Faculdade de Direito, cujos professores, em grande maioria, se sentem incompatíveis com a Cidade Universitária. Antes de sair da Reitoria, o professor Ulhôa Cintra deixou estaqueadas quase todas as sedes de faculdades e institutos inclusive o centro de vivência estudantil, a grande biblioteca central, os museus, as instalações esportivas e outras.

Depois, veio o último governo Adhemar de Barros, quer dizer o terremoto. E o terremoto começou a destruir a Universidade pelas mãos inábeis do atual reitor. Tudo parou. Só se executaram obras necessárias a agradar os amigos ou a garantir a maioria do Conselho Universitário. Correu-se essa administração de arrastamento com a destruição do plano geral da Cidade Universitária que Ulhôa Cintra deixou em plena execução. Os rinocerontes organizaram-se e fizeram o seu plano também não o de um novo projeto, mas de destruição. O primeiro passo era neutralizar o Fundo de Construção da Cidade Universitária. Paulo Camargo e Almeida, ante a hostilidade que lhe foi criada, teve de demitir-se; Anhaia Melo, pioneiro do urbanismo no Brasil, professor emérito da Escola Politécnica, foi demitido do Fundo, como se despacha um servente ou um operário cujos serviços se tornaram desnecessários. Os principais e mais acreditados elementos do Fundo foram postos para fora sem o menor motivo. Gastaram-se milhões em indenizações, mas tudo isso era necessário a deixar o terreno livre ao amplo desembaraço dos rinocerontes.

tes. No lugar de Paulo Camargo, professor de arquitetura, urbanista ilustre, foi colocada uma pessoa de confiança do Reitor, um contador que prestava serviços comissionado na repartição especializada. E os desatinos começaram. Principiou-se por riscar do plano antigo a localização da Faculdade de Direito que teima, pela maioria dos seus professores em não querer vir para a Cidade Universitária. O mesmo aconteceu com outras unidades universitárias, como o Instituto de Prehistória.

Agora, sem o menor estudo, devido exclusivamente a um capricho doméstico, o Reitor resolveu destruir o Centro de vivência universitária, para abrir uma grande e absurda avenida que iria diretamente ao edifício da Reitoria. Mas este edifício é provisório! Construída a nova sede, consentânea com uma grande Universidade, ali deverá funcionar apenas os serviços administrativos. Uma grande Avenida para ligar-se à burocracia da Universidade! De cambulhada desaparece o centro da vida universitária cortado pela tal avenida doméstica, desaparecem os fundamentos da Biblioteca Central, já que uma biblioteca vexa mesmo e muitíssimo a vida rinocerontina, e já foi demolido um dos pavilhões do Conjunto Residencial. E as destruições continuam.

Continua o terremoto. Alguns estudantes corajosos tiveram o gesto heróico de ir a Juízo contra o Reitor e o Conselho Universitário. É a derradeira esperança dos verdadeiros universitários, que não se acumpliciam com a política universitária. Mas o Reitor julga-se intocável. Conta com a solidiedade granítica — e propala isso aos quatro cantos — do futuro Presidente da República. A ser isto verdade, a Justiça resistirá às injunções? No Brasil, a Justiça sempre acaba capitulando diante do Executivo. João Mangabeira deixou um livro celebre fartamente documentado, provando isso. De qualquer maneira temos que abrir um crédito à Justiça. Do contrário será preciso mudar o nome da Cidade Universitária. Em vez de Cidade Universitária Ar-5, mando de Salles Oliveira, forçoso seria chama-la Cidade Universitária de um novo Estado Novo. E aquela grande avenida doméstica passará a chamar-se seguramente a Alameda dos Rinocerontes. Aliás, toda a Cidade Universitária será transformada numa acolhedora invernal de rinocerontes. E os verdadeiros universitários, que ali se agitam terão de empregar todo o seu tempo em tourear rinocerontes. O único destino que o futuro prepara aos universitários paulistas.

NB — Capítulo de "O Livro dos Rinocerontes", a sair brevemente.

“As grandes mobilizações do ano passado demonstram a incapacidade do aparelho repressivo perante as manifestações de massa e o incondicional apoio do povo aos estudantes”



PROTESTO FOI SÓ O COMEÇO

Para Luiz Gonzaga Travassos, presidente da UEE de São Paulo, o voto de protesto a 15 de novembro não foi mais que um começo. Os votos nulos subiram a mais de um milhão, mas Travassos diz que “o alcance de uma campanha destas não se mede exclusivamente pelos índices. O dado essencial é que mais uma vez o movimento universitário levantou perante o povo uma discussão sobre a ditadura brasileira e denunciou a farsa das eleições”, que “mais que uma conciliação, foram uma mentira, pois eram controladas pelas cassações de mandatos, pelas inelegibilidades pela lei eleitoral e sobretudo pela mistificação de um partido oposicionista criado, pela própria ditadura”.

IMPrensa FOI OUTRA PARCELA

O sentido da participação da UNE e da UEE na campanha contra a lei de imprensa foi mais ou menos o mesmo, “com especificações próprias”. A campanha, a princípio “sensibilizou altamente os proprietários de empresas jornalísticas, que se viram ameaçados em interesses econômicos. A presença da UNE e da UEE no Ato Público, e na campanha em geral, objetivou a denúncia da ausência de liberdade de imprensa não só pela nova lei, mas pelo controle exercido pelas companhias publicitárias nos jornais, o cercamento da imprensa sindical e estudantil e a ausência da própria liberdade em nossas entidades, nos sindicatos e no povo. Esta campanha foi somente uma parcela da luta global contra a ditadura”.

ENSINO PAGO INICIA DEBATES

Travassos deu também alguns dos tópicos que constituirão o planejamento da UEE em 1967. Para iniciar em março, uma série de debates sobre o tema geral do ensino pago. Será examinada a concretização do boicote ao estabelecimento e aos exorbitantes aumentos de anuidades. Duas grandes concentrações serão propostas, na passeata de calouros, e no dia do trabalho. Intensificação de atividades culturais como ciclos, palestras, debates etc. Organização da imprensa estudantil e de publicações no nível de massa. Descentralizar ao máximo a administração, dando-se prioridade ao interior, mediante as secretarias regionais, conselhos no interior e assembléias de cidades.

A linha global será de organização do movimento estudantil e estabelecimento de uma política de massas.

A UNE promoverá dia 28 de fevereiro, na Guanabara, um seminário, congregando UEEs, DCEs, e com participação da DA, onde serão levantados, a partir do acordo MEC-USAID e do RELATÓRIO ATCON dados que comprovam a crescente interferência dos EEUU, não só em nossos assuntos econômicos e políticos, mas agora na tentativa de controlar nossa cultura e nossas universidades. Está montada pela UEE uma comissão de tese, cujo trabalho será apresentado dia 28, na Guanabara. Os trabalhos estão divididos em 3 partes fundamentais: A es-

tratégia global do Imperialismo, O Movimento estudantil e o Imperialismo, e A Infiltração Imperialista no Ensino. Sobre este terceiro item se concentram os trabalhos da comissão de teses, sendo que nele estão destacados o Acordo MEC-USAID e o Relatório ATCON, uma visão crítica da luta pela Reforma Universitária e a denúncia da “Reforma Universitária” da Ditadura.

Cabe ressaltar diz Travassos, que este Seminário tem um sentido especial para o Movimento Universitário. Ele está significando um salto de qualidade em nosso nível de luta. A denúncia da ditadura brasileira estabelecida no ano passado sofreu de uma deficiência, na medida em que ficou omissa, com exceções a inserção da ditadura no contexto geral do imperialismo”.

OS RUMOS JÁ ESTÃO TRAÇADOS

Segundo Travassos, “as perspectivas estão traçadas pelo próprio rumo que o Movimento Universitário assumiu. As grandes mobilizações do ano passado demonstraram a incapacidade do aparelho repressivo perante as manifestações de massa e o incondicional apoio do povo aos estudantes. Urge entretanto que se organize o movimento de forma que possamos atingir a massa em discussões políticas aprofundadas, e que se criem instrumentos próprios de comunicação com o povo. Estes serão instrumentos vitais na manutenção da linha política do Movimento Universitário, de um compromisso exclusivo com os interesses do povo e uma independência total em relação aos interesses e à política da ditadura”.

CALOUROS: MISSÃO A CUMPRIR

Fausto Carneiro

A medida que o homem amadurece, nele vão se despertando e cultivando certas potencialidades, enquanto que outras permanecem em estado de latência. Nós acadêmicos de Medicina, estamos cultivando uma potencialidade bruta, formando, a numa capacidade, a de curar.

A Medicina começou curando, e hoje abrange um campo muito mais amplo, indo desde a cura até a manutenção do bem estar físico e mental, individual e coletivo, dos homens. Dentro deste campo, vastíssimo, o médico pode ainda perder-se, numa extensa gama de opções a serem feitas, por este ou aquele ramo de sua profissão. Chegamos pois, na era das especializações, que restringem e aprofundam o campo de ação de cada um. A sociedade dos homens, tende a transformar-se numa multiplicidade imensa de fatores simples.

Se dividirmos a sociedade humana em partes, regiões, defrontamo-nos com importantes particularidades, que têm de ser levadas em conta, quando a questão é o cultivo de potencialidades. Este deve ser realizado dentro de um determinado tempo, e de certo espaço.

O médico brasileiro deve se lembrar de que vive numa coletividade humana cheia de condições próprias, às quais tem que se plasmar na sua formação para que, atuando no íntimo desta coletividade, possa transformá-la também. Esta moldagem, é recíproca e assim, a sociedade evolui, de acordo com a evolução de cada elemento seu. Cada um de nós pode, se aproveitar, na convivência com os

vizinhos. E isto é ainda recíproco. É preciso ainda, que queiramos fazê-lo, direta e conscientemente. É esta, uma potencialidade que não podemos deixar em latência. Ela deve ser cultivada.

Visível este quadro, vamos torná-lo palpável. O C.A.O.C., é parte de um complexo que não tem limites. Ele não finda com o diploma, nem com a última receita praticada no Hospital das Clínicas. Ele pode chegar num ponto muito distante, até o homem que nunca ouviu falar em aspirina.

Este mesmo complexo sem limites pode tornar-se o catalizador de muitas transformações sociais. É este o valor com que o encaramos O C.A.O.C., nossa faculdade, nossa Universidade, podem ser para o Brasil, o início de uma etapa nova, melhor. Pode, ser o nascedouro daquela idéia, que levada à prática, promove transformações, que colocam o Homem num degrau superior de sua evolução.

É com esta perspectiva que devemos encarar este período de nossa formação acadêmica. É este valor que precisamos cultivar. Nossa sociedade nos exige isto. Nossa consciência pode aceitá-la. Nada temos a esperar, já que aqui vivemos, agora.

Fazer nossa escola frutificar para a sociedade, é a missão que temos a cumprir. O C.A.O.C., também é escola.

UNE DEBATE INFILTRAÇÃO

Catarina Melloni

O sistema de ensino é a expressão da Realidade Social de um país. Ele visa atender às necessidades nacionais, na medida mesmo em que esse país teve suas forças concentradas para a promoção de seu povo.

O ensino brasileiro está longe de atender às necessidades do povo que necessita de escolas — isso porque elas não estão em quantidade suficiente e também porque as que existem não têm condições de satisfazer essas necessidades.

A Universidade, da mesma forma se enquadra aí levando em conta os seguintes aspectos:

1 — É americana — isto é, segue normas que foram estabelecidas em sua criação que ela não há quase 50 anos não se fazendo desde então, qualquer modificação para acompanhar o progresso nacional que houve desde aquela época.

2 — É enquadrada em padrões estrangeiros. Sabe-se que alguns cursos, economia, por exemplo têm de ser estruturados levando-se em conta essencialmente as necessidades nacionais — o que não é feito.

Isso mostra o óbvio, de qual todos já têm conhecimento: o ensino brasileiro está desligado da realidade nacional. Há muito tempo está lançado o brado de alerta e dia a dia, a consciência disso vai se aprofundando e se aperfeiçoando cada vez mais.

Agora o governo brasileiro decidiu fazer a reforma da universidade e, para isso, tomou as medidas que julgou as melhores: firmou um acordo com a USAID — órgão americano e isso foi tudo. Agora, segundo a posição do nosso governo, seria esperar que a pseudo-reforma fosse feita — e os problemas educacionais estariam resolvidos. Aliás, vale ressaltar que medidas semelhantes a essa são tomadas também para a modificação de outros setores brasileiros e não apenas na Educação. Todas as decisões para o Brasil são tomadas mediante acordos firmados com países estrangeiros — principalmente com Estados Unidos. É aí que se nota a infiltração estrangeira. É por isso que servimos a uma elite ligada aos interesses não-nacionais e a situação interna do país não se equilibra.

A propósito de tudo isso é que vem o Seminário que a UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES realizará na Guanabara nos últimos dias de fevereiro, do qual participarão representantes de todo o Brasil e onde se estudará o problema da Infiltração Estrangeira no Ensino. É aqui que se coloca nossa posição de estudantes, que estamos vendo de perto toda a farsa a que se denominou "Acordo MEC-USAID" — e que vamos sofrer todas as suas consequências, se não lutarmos para que nossa vontade seja respeitada e o futuro do país não seja comprometido. Essa

é a programação elaborada pela UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES de São Paulo.

Mas, a nossa posição não é apenas a de estudantes universitários, mas, principalmente de povo — sendo essa a mais importante: como povo sabemos que um governo que contrata técnicos estrangeiros para cuidar da Educação firma também uma série de outros convênios para tratar dos seus outros problemas — daí concluímos que só aparentemente os destinos do Brasil estão na mão de brasileiros. Pois, na verdade, estes brasileiros estão apenas representando um papel que lhes coube dentro do contexto das necessidades e imposições internacionais — ligada ao imperialismo.

Nosso governo não cogita de povo. É um governo que se impôs sem representação popular, tentando o engodo de uma eleição direta para a Presidência da República — que pode ser definida como uma simples troca de ditadores — e o da eleição de 15 de novembro, repudiada por mais de 40% do nosso já reduzido eleitorado (já que os analfabetos não votam e não se dão condições para que possam aprender ler).

Para essa situação nacional tal como se apresenta, a reforma da universidade é totalmente desnecessária. Ambas — realidade político-administrativa e universidade — estão num mesmo nível alienadas de seu contexto. Ambas atendem a interesses outros que não são os do povo.

Mas o Governo firmou o acordo e os técnicos já estão prontos para entrar em ação.

Se a nossa realidade é tão desligada dos interesses populares, é forçoso reconhecer que ela está atendendo a "outros" interesses de uma minoria que está no poder e que se liga diretamente, como já vimos, aos interesses estrangeiros.

Então, se a nossa universidade não está atendendo aqueles que dela precisam, é necessário admitir que ela, universidade, está igualmente ligada aos interesses dessa minoria.

Os técnicos da USAID farão para o Brasil uma reforma que, ainda mais que agora fará da nossa uma universidade desligada de nossos problemas, alheia a tudo o que nos diz respeito, visando a esses interesses do capitalismo americano. Nossos técnicos receberão aqui uma formação importada, pré-calculada para atingir ao fim de moldar a pequena parcela que chega à universidade dentro dos padrões dos interesses alheios aos nossos. E por esse motivo que, justamente nós, universitários e brasileiros, que queremos escolas para o desenvolvimento deste país, não fomos chamados para participar da reforma — mesmo porque jamais compactuaríamos com intenções estrangeiras, nem aceitaríamos repartir aquilo que nos pertence.

PARA OS ESTUDANTES NÃO SE TRATA SÓ DA UNIVERSIDADE

É preciso lembrar que a Universidade é uma minúscula partícula dentro da realidade nacional. Para nós, a modificação dela é igualmente, uma parte apenas das modificações que devem ser feitas nessa realidade. Por isso não aceitamos o pacto. Não se pode abstrair uma parte do todo.

Nossas intenções vão além das dos técnicos da USAID e em outra direção. Visamos a todo o contexto social e não aceitamos modificar apenas uma de suas partes. Essa reforma que pretende o MEC e a USAID não tem razão de ser num contexto social que necessita de uma reestruturação total. Não existe Reforma Universitária dentro de uma realidade como a nossa — e mudar a realidade cabe exatamente a quem está sofrendo com ela. É daí que se deve partir.

Compreendemos que já foi ultrapassada aquela fase em que as pseudo reformas aliviavam a voz dos descontentes. Nossa perspectiva é mais aberta. Vivemos numa realidade global que está longe daquilo que poderia atender aos anseios do povo. Sabemos que a opressão aumenta a cada dia, ocorrendo o inverso com os direitos populares.

Daí a fundamentação do Seminário que a UNE realizará. Todo o problema do ensino estará vinculado ao problema social. Estaremos seriamente preocupados com o estudo dos acordos firmados, das novas leis estabelecidas como o da "nova" Constituição.

Teremos, desse modo, perspectivas mais amplas para a análise da situação nacional. Saberemos definir exatamente qual o papel do Brasil dentro

da realidade Latino-Americana, frente ao Imperialismo e, ao mesmo tempo, o que significa nossa Universidade frente à Realidade Brasileira.

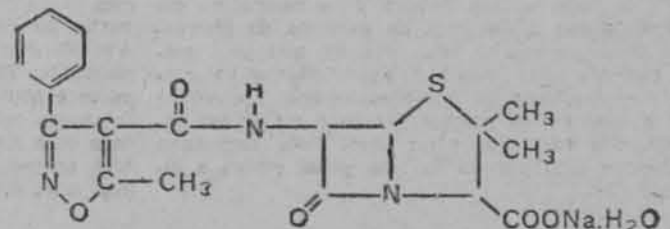
Nossas teses, assim ligadas à realidade nacional, terão uma força também nacional e trarão o caminho a ser percorrido este ano pelo movimento estudantil, indicando o papel do estudante e seu significado frente a tudo que aí está. E, como não as teremos abstraído a Universidade do contexto global, nossas teses alcançarão o povo que saberá quando agir e como agir para que sua vontade seja respeitada.

N.R.: — Catarina Melloni, autora deste artigo, é aluna da Faculdade de Filosofia da USP e atualmente exerce o cargo de 2.º Vice-Presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) de São Paulo.

Para as estafilococcias resistentes

Staficilin-N

(Oxacilina - Penicilina P-12, Bristol)



- Dramática ação bactericida contra estafilococos resistentes
- Não sofre a ação da penicilinase
- Ativa por via oral e por via parenteral
- Tolerância idêntica à das demais penicilinas

Um Produto de Síntese da Fábrica de Antibióticos da

LABOR TERAPICA BRISTOL S.A.



2nd. Quim. e Farm. - R. Carlos Gomes, 924 (Sto. Amaro) S. Paulo.

A VENDA DA UNIVERSIDADE

Luiz F. Tamellini

Já não restam dúvidas: o intuito da ditadura é de acabar com a universidade pública, instituir o regime das *foundations* e entregar o controle do sistema educacional brasileiro a empresas norte-americanas. Isto já se tornou evidente. O processo avança, inexorável, e só uma coisa poderá detê-lo: a luta, sem quartel, dos estudantes, pela manutenção do caráter livre e nacional da universidade.

Num regime livre-concorrencial, vence o mais forte. Como, desde o golpe, o governo Castelo Branco manifestou esforço evidente pelo atrelamento das estruturas — política, econômica, social — às condicionantes externas, ditadas pelo centro decisório de nossa economia a vinculação, agora, do sistema educacional brasileiro ao Império nada mais é que o coroamento do processo de sua rúína ideológica.

Atcon: O "Filósofo" da subordinação

O relatório elaborado pela misteriosa figura do professor americano Rudolph Atcon é o texto básico. Emora redigido em 1958, ele expõe toda a teoria do anilamento da cultura brasileira e de sua subordinação à filosofia educacional nos Estados Unidos. Contém uma análise bastante lúcida da universidade latino-americana, concluindo que "o desenvolvimento sócio-econômico de uma comunidade é função direta de seu desenvolvimento educacional"; para o desenvolvimento da América Latina, a educação é um verdadeiro ponto de partida. Para cada dez mil latino-americanos, somente quatro atingem formação acadêmica e, portanto, é "nosso dever consagrarmos a máxima atenção a essa instituição social a Universidade, quando não intervir nela diretamente". Nosso: dos Estados Unidos.

A bem da verdade, nada há de novo nesse antigo documento que servirá de base ao acordo MEC-USAID. No final, há um capítulo denominado "Recomendações" (páginas 147-157), onde Atcon constata a necessidade de uma Reforma Universitária. Mas esta reforma se nutre de certas particularidades.

Como é a reforma do "Filósofo"

O professor Atcon propõe, em primeiro lugar, a integração. Como o êxito final depende da exata focalização sócio-econômico-educacional da América Latina, deve-se criar uma Cepalzinha para, com a CEPAL existente, coordenar os estudos e os programas de ação. Este organismo deve, segundo o "filósofo", estar qualificado a: desenvolver uma filosofia educacional para o continente; estabelecer programas de ação em todos os níveis e para todos os países; dar prioridade máxima a todas as questões educacionais e obter os meios financeiros para levar à prática seus programas; e, finalmente, criar e manter serviços de consultoria para as universidades da AL.

A Universidade latino-americana deve, segundo o "filósofo", consolidar sua autonomia e adquirir maior grau de independência. Para isto, o melhor caminho é transformar a universidade estatal em uma fundação privada. Do ponto de vista administrativo, o importante (capítulo 3, item g) é acabar com toda interferência estudantil na administração, tanto colegiada como gremial. Finalmente, importa "colocar o ensino superior em bases rentáveis, cobrando matrículas crescentes durante um período de dez anos". A responsabilidade financeira poderia ser eventualmente estabilizada, dividindo-se entre estudante e instituição o custo real do ensino, estabelecendo-se um fundo assistencial de bolsas de estudo adicionais, para compensar o desaparecimento da educação superior gratuita.

Da lei ao acordo: Uma falência

Relatório a tiracolo, o governo do sr. Castelo Branco teve ocasião de perceber que o primeiro ou único obstáculo eram os estudantes. A Universidade, centro criador de cultura e não apenas preservador, chega sempre, pela sua própria dinâmica, a algumas conclusões sobre si mesma e formula algumas exigências quanto à realidade envolvente, que a condiciona e lhe permite — ou não — cumprir seu papel de guia do povo no sentido do desenvolvimento. Ela não está disposta — e principalmente não o estão os estudantes — a aceitar que lhe tracem os caminhos de fora para dentro. Era necessário resolver isto, e veio a lei 4464, criada pelo sr. Flávio Suplicy de Lacerda. Em seu intuito de impor certa orientação à universidade e ao movimento estudantil, a lei foi um fracasso, uma falência, pois os órgãos universitários que a ela se opuseram conseguiram sobreviver, ampliando, mesmo, seu prestígio e poder. Hoje, ela não é senão papel impresso, sem nenhum valor efetivo.

O Acordo entre o Ministério da Educação e a United States Agency for International Development (USAID) foi durante dois anos mantido em sigilo. Mas o relatório do professor Atcon, embora velho, esclarece muita coisa. O Acordo visa, essencialmente, realizar na prática e através da filosofia educacional norte-americana, a máxima desse bem aventurado que se chama Juracy Magalhães: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil".

Pagar ou não: Eis a falsa questão

Na verdade, não se trata de pagar ou não. Um estudante de Medicina, por exemplo, custa ao Estado 1 milhão e 800 mil cruzeiros ao ano, quantia de que nenhum aluno poderá dispor — e nem os Estados Unidos o pretendem. Trata-se, isto sim, de que uma verdadeira Reforma Universitária só se fará com uma total ruptura com todo e qualquer esquema de dominação estrangeira, para que a universidade possa ser o que deve: causa e efeito da cultura brasileira. Ela deve estar profundamente enraizada na terra e nas tradições brasileiras e, ao mesmo tempo, compreender as mudanças e transformações da nação, em cuja direção ela deve orientá-la. Este é o seu papel e ele não pode ser jogado pela USAID, sob pena de a universidade se transformar em mero fornecedor de técnicos para a indústria, naturalmente a indústria estrangeira: a universidade terá abdicado de seu papel.

Mas não é só isto. Reforma Universitária significa, também, abertura

da universidade para todo o povo e a estruturação desta em bases verdadeiramente democráticas e ajustadas às necessidades da nação — não do Império. E para tanto, a gratuidade e a manutenção e incentivo do caráter nacional de universidade são condições mínimas não só para a melhoria, mas para a própria sobrevivência do ensino superior em nosso país.

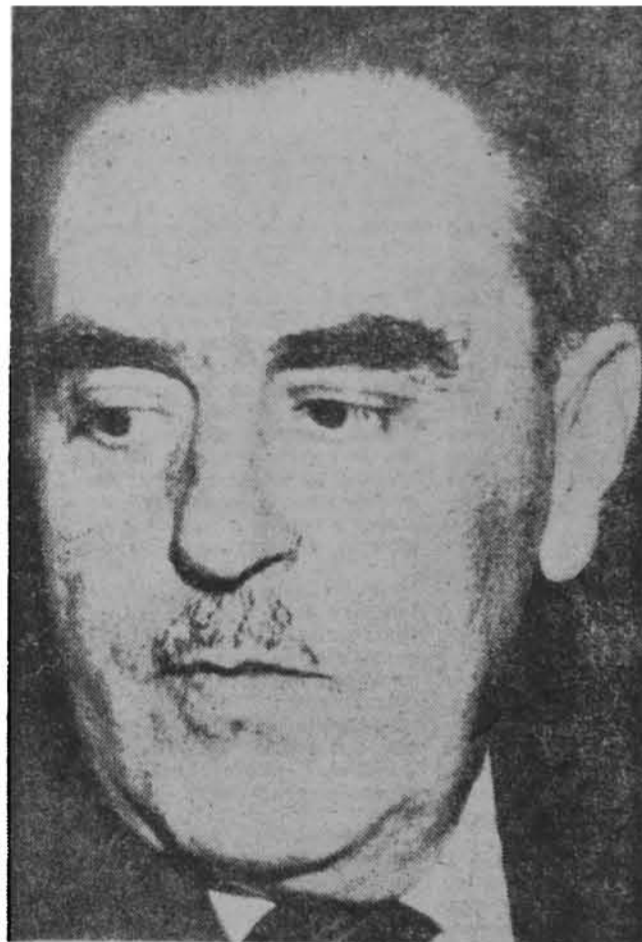
Aqui está o verdadeiro problema

Na atual situação, a estrutura educacional brasileira já apresenta sérias e profundas falhas com as quais, naturalmente, não se preocupam o "filósofo" R. ATCON e o MEC. A falha filosófica: inexistente uma base filosófica que norteie o ensino superior em nosso país. A falha antropológica: o estudo não visa a um equacionamento dentro dos padrões de nossa cultura, mas baseia-se não raro em formulações importadas. A falha sociológica: o ensino não prepara o homem brasileiro para uma apreensão mais lúcida da sociedade, para que possa realizar, de acordo com critérios eficazes, uma opção profissional engajada. A falha econômica: mesmo quando gratuita, a universidade é hermética, escotérica, inacessível à população, graças à falta de vagas, ao alto custo do material de estudo e dos livros didáticos, etc.

Não são falhas de superfície, que se corrigem com a importação dos sábios americanos ou com taxas anuais. Encontram-se vinculadas à própria estrutura de dominação externa e interna de nosso país. A reforma da universidade depende da transformação de todo o quadro social, econômico e institucional brasileiro.

Mas seria demasiado desejar que isso fosse ouvido e compreendido por um governo ditatorial que foi imposto à nação pelo golpe que recebeu um financiamento externo de US\$ 40.000.000. Exatamente: quarenta mil dólares.

N. R.: — Luiz Francisco Tamellini, colega do 3.º ano da FMUSP, é atualmente 1.º Vice-Presidente do Diretório Central dos Estudantes-Livre (DCE-Livre) da Universidade de São Paulo.



A lei 4464, do ex-ministro Flávio Suplicy de Lacerda, foi um primeiro passo. Frustrado. O acordo MEC-USAID, obra, em grande parte, do antigo embalsador Lincoln Gordon, é o tiro de misericórdia na universidade brasileira.



congresso católico vê pílula e futuro

Dr. Antônio Varella Junqueira de Almeida

Realizado de 19 a 22 de janeiro este Congresso além do aspecto social de reunião de médicos católicos teve como ponto alto a discussão de problemas altamente ao exercício da profissão sob o ponto de vista humano, moral e religioso.

Se os objetivos não foram de todo atingidos, ao menos muitos temas tiveram seu aspecto amplamente tratados dando visão ampla do pensamento atual dos médicos e da Igreja sobre os mesmos.

Neste particular destacaremos as mesas redondas sobre o respeito à vida, vida sexual e o planejamento familiar.

REANIMAÇÃO — ABORTO
— EUTANÁSIA

Com tal temário precedido da conferência preferida pelo padre francês, MARC ORAISON sobre "O valor transcendental da vida humana" iniciaram-se os debates no Congresso.

— "O Médico não tem o direito de dispor nem da vida da mãe nem da criança; seu dever é mitigar o sofrimento não interromper a vida".

— "O estupro nunca justifica um aborto".

— "A ciência não representa um valor superior ao valor moral".

MEDICINA E PSICOLOGIA

— "Freud, determinista e materialista abre caminho para a espiritualidade na moderna psicologia".

*A liberdade pressupõe também sofrimento, mas este sofrimento é criador; o neurótico foge do sofrimento; o homem livre tem de escolher e re-nunciar a objetos por um bem maior".

— "A experiência fundamental da pessoa humana se resume na comunicação".

ADOLESCÊNCIA —
CASAMENTO —
HOMOSSEXUALIDADE

Houve, antes dos debates, conferência do Prof. Paul Chaurand, da França, sobre o tema "Vida sexual e continência".

— não mais classificam-se os objetivos do casamento em primários e secundários; São igualmente importantes o amor dos cônjuges e a prole.

— "crescei e multiplicai-vos"; a 2ª afirmação é consequência da primeira, portanto consequência do amadurecimento da responsabilidade e das possibilidades em arcar com a prole por parte do casal.

— não se pode confundir SEXUALIDADE com GENITALIDADE.

— Quanto mais a sexualidade tornar-se psíquica mais humana torna-se o homem.

Ressaltou-se a necessidade da formação de centros de orientação familiar, citando a experiência já existente em Juiz de Fora MG.

— Um dos maiores responsáveis pela frigidez feminina é o homem pela falta de amor que põe no ato sexual.

— A harmonia psicológica traz a harmonia sexual mas o contrário NÃO é verdade.

— Importância da orientação dos jovens sem os tabus e deficiências da educação de pais não esclarecidos.

1 TEMAS LIVRES

Muito polêmicos foram os temas: "psicotrópicos", "o que é parapsicologia", a "mediunidade", "pesquisa social em pacientes matriculados na Bemfam"; no entanto os debates não puderam aprofundar-se em virtude da exatidão do tempo.

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Após conferência do Prof. americano John Rock sobre "a família e os tempos novos" os debates que se seguiram sobre temas intimamente relacionados e bem dentro de um Congresso Médico e Católico estavam de acordo com os Documentos do Vaticano II, que diz na Constituição Pastoral "Caudium et Spes"

"A inteligência humana dita, de certa maneira, o seu domínio também sobre o tempo. Sobre o passado, pelo conhecimento histórico. Sobre o futuro, pela perspectiva e planificação.

O progresso das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só contribui para que o homem se conheça melhor, mas fornece-lhe também os meios de influir diretamente na vida da sociedade, usando métodos técnicos. Ao mesmo tempo, o gênero humano se preocupa, e isto em medida sempre consciente, de prover e regular o próprio crescimento demográfico."

"É preciso, portanto, que se tornem acessíveis ao homem todas aquelas coisas que lhe são necessárias para levar uma vida verdadeiramente humana. Tais são: alimento, roupa, habitação, direito de escolher livremente o estado de vida e de constituir família, direito a educação ao trabalho, etc."

"O matrimônio porém, não foi instituído apenas para o fim da procriação."

Finalmente: "Os especialistas em ciências, mormente biológicas, médicas, sociais, psicológicas, podem contribuir grandemente para o bem do matrimônio e da família e a paz das consciências se, mediante estudos comparados, se esforçarem por esclarecer mais profundamente as condições que favorecem a honesta regulação da procriação humana".

A oportunidade que tivemos de escutar as posições de personalidades, acrescido o fato da divergência de opiniões existentes, constitui um dos pontos mais positivos e comprovados do espírito ecumênico que norteou o Congresso.

Assim o prof. Paul Chaurand, neurofisiologista, coloca o problema da limitação da natalidade no plano do domínio cerebral da vida sexual.

Para ele, tudo se resolve a partir da educação sexual. O homem se diferencia dos outros animais nesse sentido, porque o desenvolvimento do seu cérebro lhe permite educação e domínio sobre a vida sexual.

Então, através da continência nos períodos de fertilidade da mulher pode-se fazer o planejamento familiar e a limitação da natalidade.

Já o prof. John Rock, um dos descobridores da pílula anticoncepcional, lembrou que o organismo, através de uma ação hormonal, impede que uma nova gestação venha se impôr sobre uma gravidez já instalada, prolongando essa ação protetora durante o período da lactação.

Trata-se, portanto de proteger uma vida instalada e incluída.

Segundo ele, não há razões morais que impeçam uma mulher de, através do uso da pílula que tem uma ação hormonal idêntica, continuar protegendo, pelo tempo que for necessário, essa vida ainda dependente dos cuidados dedicados maternamente.

A capacidade econômica do casal para poder sustentar, alimentar, vestir e educar, aliada ao princípio de paternidade consciente, também justificaria a regulação dos nascimentos.

Lembrou ele ainda o perigo de explosão demográfica que impossibilita ou pelo menos contribui, para que alguns países não saiam do estágio de subdesenvolvidos.

Finalmente, ainda dentro do tema, manifestou-se o Pe. Marc Oraison.

Profundo conhecedor deste problema, que estuda há muito, luta atualmente para que a decisão final que está para ser tomada pela Igreja sobre a limitação de filhos venha a corresponder às necessidades e anseios dos católicos.

Vê na pílula anti-concepção, um passo muito importante na solução desse problema, e que, a seu ver, é perfeitamente aceitável.

Justifica sua posição argumentando que a moral do problema não está em se empregar um termômetro para verificação dos dias férteis ou no uso ou não de uma pílula.

Cada casal, de acordo com sua consciência, é que pode planejar a sua família. Isso corresponde a uma fidelidade ao princípio de paternidade consciente, havendo razões de ordem moral suficientes para justificá-lo.

A escolha do método mais adequado é problema de 2º plano.

Volto a citar, a propósito, os Documentos já citados do Vaticano II:

"Sejam as populações judiciosamente informadas sobre os progressos científicos, realizados na pesquisa de métodos que possam ajudar os esposos em matéria de regulação de nascimentos, contanto que o valor destes métodos seja bem comprovado e a concordância com a lei moral II:

A COMPOSIÇÃO DO "JAZZ" E SUA HISTÓRIA

Lech M. Szymanski

A primeira vista, parecemos que o conceito de "composição jazzística" é diferente daquilo que geralmente se considera o elemento básico e real do jazz, a improvisação.

Os primeiros ensaios de composições baseadas no jazz apareceram na década de 20, quando este era ainda música espontânea que nascia no momento de sua execução e os músicos não consideravam a possibilidade do uso de partituras escritas.

A iniciativa partiu de arrojados compositores, os quais criavam normalmente baseando-se nas tradições européias "clássicas", tais como Igor Stravinski, George Auric, John Alden Carpenter, Aaron Copland e Darius Milhaud; algumas idéias emprestadas do jazz foram incluídas por eles em suas obras, que nada a tinham a ver com jazz.

O começo das verdadeiras composições de jazz, com suas reais características (e não composições do estilo tradicional) cai na segunda metade da década de 20. Os pioneiros neste empreendimento eram os jazzistas que desejavam ampliar o domínio de execução de sua música e substituir as apresentações improvisadas de grupos de 7 ou 8 músicos por apresentações de maior vulto e com conjuntos mais disciplinados compostos de 12 a 13 elementos.

Para as mais recentes obtenções positivas, devemos ressaltar os arranjos escritos, feitos por Don Redman e Benny Carter para a orquestra de Fletcher Henderson e por Duke Ellington para seu próprio conjunto.

Os arranjos estavam parcialmente compilados em partituras; a outra parte, entretanto nos trechos destinados à improvisação, dava aos solistas a tradicional liberdade; somente a orquestra acompanhava, então, o arranjo escrito como apoio.

Muitos arranjos executados nos anos 1925-1940 por Ellington e outros conjuntos eram composições originais, sendo entretanto da maioria dos casos, músicas curtas ou "blues". Somente poucas mereciam ser chamadas composições jazzísticas, apesar de que algumas obras recentes de Ellington, tais como Black and Tan Fantasy, "Mood Indigo" e "The Mooche" verdadeiras obras, podem ser chamadas composições em miniatura. Ellington conduzia-se mais arrojadamente na direção da composição jazzística. Começou pela ampliação das formas jazzísticas aceitas unanimemente nestes anos, introduzindo maiores formas de espécie de "Creole Rhapsody" e "Reminiscing in Tempo", a Black, Brown and Beige" o que pode ser considerado a primeira grande conquista no campo da composição do jazz.

A première desta obra, representando a "ilustração musical da história dos negros americanos" foi realizada no ano de 1943, no Carnegie Hall em New York. Ellington foi um excepcional compositor e dispunha de possibilidades de execução. Escrevia pensando em cada um dos componentes de sua orquestra, mudando posteriormente a composição, por influência da imprensa que obtinha nos ensaios.

As circunstâncias favorecedoras para o desenvolvimento da composição jazzística formavam-se somente na metade da década de 40, quando dos muros do Conservatório saiu a nova geração musical. Assim, chegamos pela primeira vez aos compositores aperfeiçoados, que tratavam o jazz não como novidade exótica, porém como um meio natural de expressão. Eram quase sem exceção, músicos que executavam o jazz, dando-lhe formas características e que sabiam como deviam escrever cada frase a fim de conseguir o efeito desejado. Os novos elementos dos conjuntos de jazz eram da mesma forma muito mais aperfeiçoados que seus antecessores.

No momento do aparecimento de compositores com ensino superior, entendedores da música jazzística, e também de músicos igualmente capazes tanto na leitura das notas como na improvisação, começou a ocupação e a preocupação séria com a composição jazzística.

Uma das primeiras composições que ressaltaram, além das obras de Ellington foi "Summer" sequência de Ralph Burns especialmente escrita para a orquestra de Woody Herman com quem Burns cooperou como arranjador e pianista.

Logo após a guerra, teve importante papel em matéria de composição jazzística Stan Kenton, que encorajou um grupo de jovens compositores para escrever para sua orquestra.

Na década de 50, sob a influência de Kenton, a composição jazzística começou a cristalizar cada vez mais distintamente. Nesta época, aparece Gunther Schuller, compositor com educação musical tradicional, porém familiarizado com o jazz. A este, porém, não interessava a "composição jazzística". Sua atenção se concentrava entre duas direções — jazz e música clássica — e que ele denominou como uma "terceira corrente" musical.

Em 1962, Lewa (pianista e dirigente do Modern Jazz Quartet) organizou seu conjunto, ao qual podemos chamar da linha de "terceira corrente".

Em 1962, Eddie Santer escreveu várias composições no tradicional estilo europeu para quarteto de cordas; mais tarde, estas composições eram instrumentadas para 16 instrumentos de corda e executadas por Stan Getz, que introduziu suas próprias improvisações. Esta completavam as composições de Santer dando-lhes um acabamento especial.

Já em 1960, antes de sua grande popularidade, o pianista Dave Brubeck previu o desenvolvimento da composição jazzística. Disse: "As obras do futuro compositor americano devem ser interpretadas com a compreensão da música jazzística e, portanto, do seu caráter específico, assim como a técnica correta de fraseamento, o colorido dos sons e da instrumentação."

NINGUÉM CABE NAS 50 VAGAS

Rui Toledo Barros

O número crescente de candidatos às escolas médicas de nosso Estado tem vindo demonstrar o quanto ainda estamos longe de poder garantir a grande maioria o acesso à Universidade. Isto não é novidade para ninguém: a imprensa, as zelosas famílias, os políticos, todos se unem para exigir vagas para os que ficaram de fora das classificações. A reclamação é justa mas a pena que também não se estende à defesa daqueles outros jovens barrados muito antes do vestibular pelas pressões econômicas, pelo atraso do sistema educacional, pelas sim impostas e antidemocráticas.

Faz-se muito em aumentar o número de vagas, como se isso fosse resolver o problema dos pretendentes ao curso médico. Queremos ressaltar aqui que somos francamente favoráveis a que se ampliem a capacidade das faculdades de medicina mas é preciso ressaltar que o problema da falta de vagas no ensino superior de um

modo geral, exige medidas muito mais amplas, medidas que impliquem num desenvolvimento global do país para atingir sua independência econômica e cultural.

Mas voltamos à questão que se apresenta: que atitude podemos tomar agora, em relação às vagas do curso médico? Aumentar pura e simplesmente, de nada adianta, se não existirem condições que ofereçam um ensino condizente com as necessidades sociais: de bom padrão integrado e participante do progresso científico, voltado para as reais necessidades dos sérios e graves problemas da saúde nacional.

Algumas medidas básicas são analisadas a seguir, para podermos oferecer tais requisitos ao ensino médico:

A) Formação de docentes: Aqui em nossa faculdade percebemos a carência de professores em cadeiras básicas. Causas desestímulo à carreira uni-

versitária, baixos salários, demissões absurdas, etc. Um ensino médico dinâmico exige um pessoal altamente qualificado e em número suficiente para orientar práticas de laboratório e as discussões em pequenos grupos.

Precisamos urgentemente mais assistentes, as novas faculdades aí estão, na maior parte com boas instalações e às voltas com graves problemas de ensino. Há necessidade urgente de se aumentar a formação de pessoal qualificado para as cadeiras básicas e, para isso, pesquisa científica deve ser incentivada no curso médico, a carreira universitária deve ficar livre da politicagem dos medievos que ainda tanto infestam nossa universidade, os salários devem ser condizentes com o regime de tempo integral.

B) Economia de instalações: Há, em muitas faculdades, esbanjamento de espaço laboratório completos e fechados durante boa parte do ano, equipamentos caríssimos mal aproveitados, uma fragmentação quase total das atividades de ensino, pesquisa, a universalidade moderna repudia o isolamento e que tantos ainda se apagam. A não decantada in-

tegração universitária não existe: cada um faz o que bem entende desde, logicamente que faça na sua biblioteca ou no seu laboratório.

C) Reforma de Estrutura: O ensino médico está exigindo métodos novos, e nem é preciso estar insistindo muito nesse aspecto. O que recebemos atualmente uma série de informações, boa parte inúteis não participamos do aprendizado: ouvimos, ouvimos, cansamos dormimos... O ensino médico não deve ser mudado agora: deve ser mudado sempre.

O curso médico deve ter um planejamento e um objetivo. Não há porque da absurda divisão entre cadeiras básicas e clínicas, que revela apenas uma face da falta de unidade no curso. As estruturas das faculdades, das universidades já estão há muito tempo, à margem das exigências do avanço científico da racionalização crescente.

D) Abertura de novas escolas: Deve-se dar início, urgentemente, à planificação da estrutura de novas escolas médicas. Para tanto devemos constituir comissões de técnicos que levem em conta, em

sua tarefa, não só a experiência local como também a de outros centros em que os problemas da educação médica estejam sendo estudados experimentalmente.

VAGAS NA FMUSP:

CURSO EXPERIMENTAL

No fim do ano passado, a Congregação de nossa Faculdade aprovou um projeto dos mais importantes, o que possibilita a instalação de 50 vagas na Cidade Universitária, sob a forma de curso experimental, isto é, um curso médico que adotará métodos totalmente novos e que contará com pessoal docente do mais alto nível. Acreditamos em seu êxito porque acreditamos no entusiasmo e na seriedade dos que se propuseram a inovar e transformar para melhor.

De tudo o que foi dito, fica o desafio que se lança, particularmente aos estudantes da FMUSP: um compromisso de luta para ampliar o número de vagas, elevar o nível de ensino, mas não apenas isso, um compromisso com todos os que deveriam ter oportunidade de conhecimento e que, pela estrutura anacrônica de nosso ensino, não o podem fazer.

CINE-CLUBE TEM SELEÇÃO PARA ESTE SEMESTRE

O Cine-Clube de CAOC programou, para este semestre, a exibição de diversos filmes, selecionados tanto pelo seu valor artístico como pela sua colocação de problemas atuais.

O programa para o 1º semestre é o seguinte: Os Companheiros, Seduzida, Abando, nada A Visita, Sorrisos de Uma Noite de Amor, Naxos Uma Mulher, O Homem que Matou o Facinora, Ligações Amorosas, O Processo, Extra-Conjugal, Servidão Humana, Clamor do Sexo, A Face Oculta e Rocco Seus Irmãos.

As sessões serão realizadas às sextas-feiras, às 19,30 hrs, no Teatro da Faculdade. Estudou-se atualmente a possibilidade de mudança deste horário para o meio dia, visando facilitar a presença dos colegas interessados.

Devido ao alto custo do aluguel dos filmes e à necessidade de compra de uma lente para projeção de fi, mas em Cinemascope, seremos obrigados a cobrar uma taxa de entrada para cobrir essas despesas.

No decorrer deste semestre serão articulados planos para que possamos rodar um filme. O bom êxito desta tentativa dependerá da vontade de trabalhar de todos aqueles que gostam de Cinema.

FOTOGRAFIA

O Departamento de Fotografia (antigo Ine-Foto), que é normalmente encarregado de documentar os acontecimentos mais importantes da vida da Escola, dará mais um passo em direção à complementação de suas atividades. Breve teremos uma exposição de fotogra-

mas que será seguida por um curso de fotografia ministrado por pessoal competente, complementado por um encontro interno.

TEATRO

A Comissão Estadual de Teatro (CET) um canal de televisão de São Paulo resolveram programar para julho um encontro nacional de Teatro Universitário, a fim de selecionar o representante do Brasil ao Festival Mundial de Teatro Universitário, que se realizará em Nancy, França. Como todos recordam, no ano passado, o grande prêmio do Festival foi levantado pelo Teatro da Universidade Católica - TUCA - com a peça "Morte e Vida Severina", baseada no poema de João Cabral de Melo Neto e musicada por Chico Buarque de Hollanda. Que tal participarmos? Onde está o GTM?

COM DESCONTO

No próximo mês será organizada no CAOC, uma Feira de Livros, visando trazer aos colegas o que há de mais recente em matéria de publicações e propiciando o encontro com temas e problemas fora do currículo médico. Os descontos variarão entre 10% - 20%. Aguardem!

MÚSICA POPULAR

Será realizado, proximamente, um concerto de música nova, incluindo uma parte de bossa nova e uma de jazz. O responsável pelo setor é o colega Lech Szymanski, que pode ser procurado por todos interessados. O concerto terá lugar no Teatro da Faculdade em data que será oportunamente divulgada.

ATLÉTICA: TUDO NOVO

Diz o ditado: não novo, vida nova. E é este velho ditado - que virará de meta para o Atlético em 67.

Para chegar ao que é atualmente, o Atlético passou por várias fases mais ou menos bem delimitadas. Desde seu aparecimento até 1956, ela se resumia ao setor esportivo que tratou condadosamente pelos dirigentes, valeu-se entre muitas outras conquistas o título "Academia" e fato de ser duas vezes detentora do Troféu Eficiência da FUPE. O setor social arrastado pelo esportivo, tinha algum realce quando das excursões vários pontos do estado do país.

Mas em 56 já não se conciliavam o rápido progresso do esporte e o tipo de administração vigente. Então a Atlético surgiu como uma entidade autossuficiente o que exigiu quatro anos para elaboração de estatutos, registro de livros, culminando com o reconhecimento de utilidade pública por lei estadual já fora da época em que a preocupação maior era dar consistência à nova entidade, isto é em 1964.

A fase seguinte já tratou de um setor diferente: o patrimônio. E então tivemos um ótimo exemplo de trabalho planejado e a longo prazo cujos frutos foram colhidos em 63 quando da entrega aos alunos de uma autêntica praça de esportes, única no âmbito universitário de São Paulo.

De cada uma das etapas da vida da Atlético, chegaram até nossos dias uma tradição es-

Egídio Costa Arruda

portiva que se impôs em nosso meio, uma grande parte dos estatutos e por fim um patrimônio respeitável.

Este retrospecto nos mostra quanto extenso é o programa de trabalho da Atlético, necessitando ter sido realizado em etapas e a longo prazo.

Por tudo isto, a Diretoria de 67 elaborou seu programa de trabalho maneira a atender simultaneamente os setores esportivo, patrimonial, administrativo e social e a estabelecer entre os mesmos estreita correlação.

Assim primeiro passo foi propor a reforma de certas normas e princípios que julgamos não se adaptarem aos dias atuais, pois além do volume de trabalho, a Atlético se defronta com o problema da mudança constante das situações que a envolve. Nossa pouca experiência em questão de Atlético obrigou-nos a proceder um levantamento, uma revisão e um estudo meticoloso de cada falha existente além de consultas a inúmeros ex-diretores.

Como nem tudo que foi planejado poderá ser executado ou será em parte durante esta gestão, quer por exiguidade de tempo, quer por dificuldades financeiras, o passo seguinte é não permitir que haja solução de continuidade nos trabalhos com a mudança de Diretoria. Para tanto manteremos uma equipe de auxiliares

dos quais alguns serão preparados para futuras Diretorias que assim administrarão não exatamente à nossa maneira, pois como já foi dito as circunstâncias que a Atlético encontra nem sempre são as mesmas, mas sim seguindo nossa linha de ação assegurando a aplicação de nossos métodos de trabalho.

A parte social será desenvolvida pois a percepção do poder de união que possui o esporte, nos levará a realizar um intercâmbio com outras congêneres não só no nível esportivo mas principalmente administrativo.

Desta maneira a sorte está lançada: reformas e planos na medida do possível estão sendo executados lenta e progressivamente, pois temos muito que errar até encontrarmos o caminho certo. Seus resultados poderão não surgir este ano ou ano vindouro, mas estamos convictos de seu aparecimento, pois contamos com o apoio imprescindível de todos indistintamente, atletas ou não, que com suas idéias e críticas construtivas muito nos auxiliarão nesta reforma de base pela qual estamos passando.

E com a apresentação oficial de nossos planos para 67, mantemos o primeiro contato com nossos colegas que terão de nossa parte a promessa da plena consciência e do bom senso que norteiam nossas decisões em troca da grande confiança em nós depositada.

GRACILIANO E SEUS CRÍTICOS

Quando da edição Martins das obras de Graciliano Ramos, o grande crítico português Adolfo Casais Monteiro escreveu um artigo furioso: "A Triste Condição de Morto Célebre". E' que a edição se limitou a colher os livros já editados de Graciliano e a recolher anarquicamente manuscritos e recortes de jornais, os quais ajuntara em volumetuosos rotulados a fôrma: **Linhas Tortas, Viveres das Alagoas** etc. Muita coisa importante, como a correspondência de escritores, artigos esparsos, comentários adormecendo nos arquivos dos amigos e da esposa — Dona Heloisa — que com o tempo foi formada de um verdadeiro museu de "morto célebre".

Por aí se vê a indiferença que a obra deixou no trabalho. Bem que agora ela mesma se proporia lançar tudo novamente e melhor, com prefácios, notas, etc.

Mas o que significa isso diante da ignorância do publico quanto ao maior escritor brasileiro? Graciliano é entendido geralmente como autor regionalista nordestino inserido no movimento da década de 30 (1) e confundido com José Américo Lima Ribeiro, Jorge Amado e Ruyter de Queiroz, quando em verdade, é, dentre estes, o unico que escapa às limitações do regionalismo e sua obra memorialística, como frisa o professor Antonio Candido, só por ser entendida em função da obra romanesca anterior. Nos círculos estudantis, é visto como o homem que "denunciou" a miséria do camponês nordestino como se para tanto fossem necessários os tremendos recursos técnicos e formais dispendidos em *Vidas Secas*, que é mais, muito mais que uma "denúncia".

A crítica de jornal, que tanto papel gasta para os usuais

conchavos quando se aproxima um Juca Pato ou para a habitual bajulação aos editores, essa crítica não se preocupou em desfazer as nuvens que pairam sobre a imensa figura de Graciliano mesmo entre uma parcela que se entende como a mais esclarecida da população: os estudantes. Graciliano teve de encontrar seus herdeiros intelectuais entre a tão detestada crítica dos professores universitários. Mas alívio! trata-se de professores do gabarito de um Rolando Morel Pinto, de uma Nelly Novaes Coelho, de um Antonio Candido de Mello e Souza, de um Carlos Nelson Coutinho ou de um Adolfo Casais Monteiro.

Foi este ultimo quem atacou de rijo o "regionalismo", mostrando (2), primeiro, que a obra de Graciliano não se insere dentro dos padrões habituais do regionalismo, que é sobretudo um passadismo, um gosto nostálgico do passado e da vida campestre em oposição ao *catch-as-catch-can* da moderna vida nas cidades. Em Graciliano é que se observa não é isso, pois nele "a angustia do intelectual urbano frustrado se confunde e se mistura à do camponês analfabeto etc.". E, segundo, que o estilo tanto mais longe da linguagem falada de sua proliferação, quanto mais é simples, depurada e só.

Sobre o primeiro ponto, Casais está de acordo com outro crítico, Carlos Nelson Coutinho, que afirma: "a obra de Graciliano abarca o inteiro processo de evolução da realidade brasileira contemporânea. Nada existe nele em comum com aquele estreito "regionalismo" que foi uma das manifestações brasileiras do naturalismo "sociológico" (3).

Coutinho prende-se às concepções lukacsianas do romance e sua análise da obra de

J. A. Adura Miranda

Graciliano é a mais espraçada e exaustiva já feita. Definindo, como o faz seu mestre Lukács, o romance como a trajetória — "busca" — de um herói problemático dentro de um mundo alienado, Coutinho faz ver ser exatamente esta a estrutura dos romances de Graciliano.

Tomemos um exemplo. Em São Bernardo, o herói, Paulo Honório, é um individuo complexo, evidentemente superior à média desejando dela destacar-se pelo poder. O poder é a terra, e ele dirige sua vida no intento de obter a Fazenda São Bernardo. Mas, no ato mesmo em que se destaca nos demais — assumindo, portanto, o jeitão, atitude empática com direção a ele — está contido um elemento de ódio e violência, sem o qual teria sido impossível a ele conseguir o que conseguiu, e que o faz, dessa forma, entregar-se, em sua fuga à alienação a outro tipo, mais complexo, de alienação. Esta o arrasta ao fracasso como ser humano expresso nos últimos capítulos, que se conta, entre as páginas mais admiráveis de nossa literatura.

Em Graciliano o mundo alienado — ou, para usar o termo lukacsiano, "mundo convencional e vazio" — é exatamente a sociedade brasileira do começo do século, semi-colonial, em transformação. Na antiga sociedade, reinavam a estagnação e o marasmo. Os ensaios capitalistas possibilitam mudanças em alguns lugares, em outros contribuem mais ainda para a estagnação, mas, de qualquer modo, produzem certa fermentação social que, por sua vez, cria individuos "problemáticos" envolvidos na busca de um sentido para a vida. No nordeste, região mais atrasada que o leste e o sul, as contradições entre sociedade semi-colonial e o capitalismo nascente se apresentavam mais "puras", mais diretas e brutais, revestidas de colorido mais dramático e por isso mesmo que obra de Graciliano, situando-se nela pode "abarcá-lo" o inteiro processo de desenvolvimento da realidade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações.

O herói problemático que surge é, então, o trabalhador de oito que consegue vencer a miséria e tornar-se senhor (Paulo Honório), ou o intelectual de classe média que não se adapta nem ao antigo marasmo nem à hipocrisia da formação nascente (Luís da Silva). São personagens altamente complexos: São Bernardo e Angústia são obras não menos complexas e dialéticas. Mas Fabiano, em *Vidas Secas*, não é bem isso. É um homem simples, quase um bicho, "tangido pela seca" como as répteis vivendo em harmonia primitiva com o mundo e com a natureza, em estado de dependência. Seus processos mentais são elementares e ele, por um mecanicismo de adaptação (ver o capítulo "O Soldado Amarelo") escapa a um conflito de que não chega a ter consciência. Fabiano não é um "herói problemático". Por isso mesmo, Graciliano adota, em sua narração o ponto de vista da terceira pessoa, abandonando o personagem-narrador. *Vidas Secas*, narrativa sem conflito,

representa experiência singular, em que o herói é "positivo", onde desaparece toda tonalidade trágica e onde há um claro tom otimista, de "abertura" para um futuro que, aqui mais que em qualquer outra parte, nos parece próximo. E, sendo Fabiano um primitivo, este fato é, talvez mais que qualquer outro, indicativo da genialidade da obra.

Para Antonio Candido de Mello e Souza (4), a obra de Graciliano se divide em três fases distintas e cronológicas. A primeira, dos romances escritos na primeira pessoa do singular, que são, eminentemente, sondagens em profundidade da alma humana, mergulhos até o "homem subterrâneo". Segunda, expressa nas narrativas na terceira pessoa — *Vidas Secas*, os contos de *Insônia* Terceira e final, que é a das autobiografias, *Infância* e *Memórias do Cárcere*.

Estas três fases correspondem à trajetória sentimental de Graciliano, que vai de um romance quase naturalista — *Cactés* — onde as pessoas são captadas em seus aspectos exteriores, até a confissão desabrada *Acentua-se* progressivamente a necessidade de passar do imaginário ao real, da ficção à confissão, que se expressa no recurso cada vez maior às fontes da memória, acenando-se da *Cactés* para *São Bernardo*, deste para *Angústia* e deste para os livros autobiográficos, *Vidas Secas*, que no plano temático fora um recuo, um *flash-back* desde os personagens complexos até o primitivismo, está, no plano da vida real do autor, fora do processo ou anterior a ele, O que não o nega, reafirma-o.

Mais ou menos semelhante é a análise, mais pormenorizada porém também mais prolixa, do professor Rolando Morel Pinto, em *Graciliano Ramos, Autor e Ator* (5).

Fora destes, restam alguns artigos de jornais e revistas, sem maior importância e o bom mas diminuto estudo de Nelly Novaes Coelho sobre *Solidão e Morte* em "São Bernardo" (6).

Quanto aos estudos do professor Candido, pode-se objetar que ambos não enfocam senão um plano da obra gracilianica e que pecam por um certo "biografismo" e mesma obje-

ção caberia ao livro de Morel Pinto. Ao ensaio de Carlos Nelson Coutinho, como à crítica lukacsiana em geral, poder-se-ia perguntar como, tendo afirmado que o herói representa o "máximo de consciência possível dentro de sua classe", se explicará que esse "máximo" nunca se tenha realizado concretamente.

Mas estas objeções não interessam. Ainda não há, por exemplo, um estudo de peso — não conheço nenhum, mesmo ruim — sobre a linguagem e o estilo de Graciliano. Ou sobre as influências que sofreu. Sobre as suas leituras. Sobre suas idéias políticas. Sobre a sua crítica. Sobre os seus conhecimentos do Nordeste, expresso nas crônicas de *Viveres das Alagoas*. Sobre o folclore em sua obra. O estudo de Graciliano, nas escolas, é deficiente e formal. O conhecimento dele e da obra é praticamente nulo, numa terra em que praticamente todas as idiosincrasias possíveis já foram escritas, por exemplo, sobre Machado ou Camões, e onde se lêem e se citam nos compêndios poetas tão ruins como Olavo Bilac. Graciliano já mereceu alguns dos melhores estudos literários escritos entre nós. Mas estes estudos ainda deixam, como vimos, lacunas imensas. Não ter uma edição que preste de suas obras completas, ser mal entendido e mal estudado mesmo um arcano depois de seu desaparecimento — eis a "triste condição de morto célebre". *Quid prodest?*

NOTAS

- 1) Fred Ellison, *Four Brazilian Writers*, N. York, 1958.
- 2) Adolfo Casais Monteiro, *O Romance Teoria e Crítica*, Rio, 1964.
- 3) Carlos Nelson Coutinho, *Uma Análise Estrutural dos Romances de Gr. Ramos*, Revista *Civilização Brasileira*, Rio, n.º 56.
- 4) Antonio Candido "Os Bichos do Subterrâneo", in *Tese Antitese*, São Paulo, 1966, e *Ficção e Confissão*, São Paulo 1962.
- 5) Rolando Morel Pinto, *Gr. Ramos: Autor e Ator*, Minas, 1963.
- 6) Nelly Novaes Coelho, *Tempo, Solidão e Morte*, São Paulo, 1962.



Pouco lido e pouco estudado, sem uma edição que preste de suas obras, Graciliano continua na triste condição de morto célebre.

Diretoria do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

Presidente — FAUSTO CARNEIRO. 1.º Vice-Presidente — PRIMO BRANDIMILLER. 2.º Vice-Presidente — JOSE NERY PRAXEDES. 1.º Secretário — DJALMA DA CRUZ GOUVEIA. 2.º Secretário — LUIZ ALBERTO CHAVES DE OLIVEIRA. 1.º Tesoureiro — ATSUSHI TERAHATA. 2.º Tesoureiro — MASSAYUKI YAMAMOTO. Provedor — KEMIL WEHBY.

Diretoria da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz

Presidente — EGIDIO CORREA DA COSTA ARRUDA. Vice-Presidente — OG COLTRO. Diretor de Esportes — JOÃO YAMAMOTO. Secretário — OSCAR RICARDO DA SILVA DORIA. Tesoureiro — ANTONIO DA CRUZ JUNIOR. Diretor de Patrimônio — MIGUEL SROUGI.

Diretoria do Departamento Científico

Presidente — ANTONIO ROBERTO DE CILLO. Vice-Presidente — JULIO FUNABASHI. Secretário — LENY APARECIDA JOÃO. Tesoureiro — NOBORU YASUDA.

JAIME COSTA E OS JOVENS

José Carlos Bardawil

José Carlos Lobo Bardawil foi um dos muitos jovens discípulos de Jaime Costa. Começou fazendo teatro amador em Porto Alegre, tornando-se mais tarde profissional, com o pseudônimo de Murilo Fernandes, em "O Monólogo, do Fumo" de Tchecor, bem recebido pela crítica. Hoje advogado e jornalista, prepara também uma encenação, com amadores, da "Megera Domada" de Shakespeare.

Noite de inverno em Porto Alegre, ano de 1963. Uma multidão aplaude o elenco teatral ao fim da representação. A medida que os atores vão entrando, os aplausos aumentam de intensidade, porque seguindo a velha tradição os mais importantes surgem por último. De repente, as palmas assemelham-se a um trovão e grande parte do público se levanta da cadeiras. Tudo porque o velho ator adentrara o palco. Quando os dois grandes astros entram, por fim, percebem ter perdido a batalha do estrelato. É para o homemzinho gordo de papada e sorriso feliz que a maior parte dos aplausos são dirigidos. O mesmo já acontecera no Rio e em São Paulo. Com apenas três entradas em cena, o homemzinho de cara gorda arrebatara todos as palmas e, mais tarde, recebera os prêmios de melhor ator do ano. Os dois astros estavam conformados. Chamavam-se Paulo Autran e Bibi Ferreira, grandes nomes do teatro brasileiro, mas lutavam contra um monstro sagrado do passado que agora ressurgia assombrosamente: Jaime Costa.

Antes desse triunfo, Jaime curtira um longo ocaso: quase dez anos no esquecimento, depois do sucesso que obtivera com "A Morte do Caixeiro Viajante", primeira representação profissional de uma peça de Arthur Miller no Brasil. Durante esse tempo, a sua geração teatral desapareceu completamente do cenário artístico. Muitos já tinham morrido, outros desistiram de lutar; uma minoria como era o caso de Procópio Ferreira, continuava revivendo seus grandes sucessos em cinemas do interior, coadjuvada por atores de baixa categoria.

Depois de mostrar a "Morte do Caixeiro Viajante" ao resto do país, Jaime viu todas as portas fechadas. Estava sem teatro para trabalhar e sua companhia, formada em bases antigas (todos os atores ganhando salário mensal por contrato) já não podia sustentar-se no novo ambiente teatral, concorrendo com empresários que contratavam atores apenas para um determinado espetáculo. Ainda lutou durante alguns anos mas finalmente teve que dissolvê-la por volta de 1958.

Para os outros, isso era o fim. Mas ele confiava em si e principalmente confiava nos seus amigos de noitadas e noitadas de discussão de teatros: os jovens.

Jaime Costa costumava dizer que não se considerava um velho ator; mas tão somente um ator velho. E toda sua atividade era dirigida no sentido de provar o acerto de sua opinião.

Ao contrário dos grandes do seu tempo (Procópio, Froes, Delorges Caminha), ele nunca se enclausurou na redoma do sucesso. Pelo contrário procurou sempre novos caminhos, jamais se dando por satisfeito ao atingir determinado efeito.

Foi o primeiro a representar O'Neil e Pirandello no Brasil, numa época em que todos consideravam suas peças anti-comerciais por excelências. Em 1927, representou o célebre "Assim é Se Lhe Parece" tendo o próprio Pirandello na plateia. Após o espetáculo o grande dramaturgo italiano fez questão de subir ao palco para abraçar o ator brasileiro a quem qualificou de "estupendamente bem dotado e com o domínio exato do que se deve fazer no palco".

Jaime não se satisfazia com esses elogios. Procurou ir para a frente sempre e iniciou campanha contra famigerada claqué, então uma instituição teatral, sem a qual não se acreditava possível uma peça obtivesse sucesso. Colocou um aviso bem grande na porta de seu teatro, que ficou famoso, na época: "Este teatro não tem claqué. Se você não gostar do espetáculo, tem direito à vaia. Certos silêncios são muito mais humilhantes para o ator que o mais feroz dos apupos".

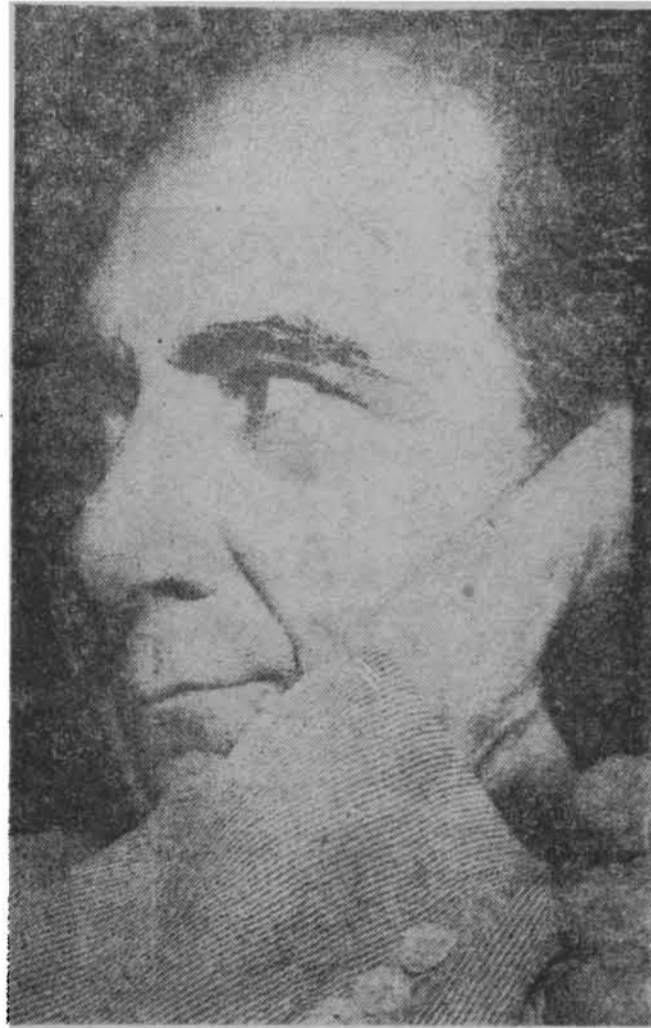
Sua batalha pela moralização do teatro não ficou aí. Os outros grandes do seu tempo faziam questão de aparecer como verdadeiras "estrelas" em suas companhias não admitindo ninguém que lhes fizesse sombra. Usavam somente atores de segunda categoria e ainda os colocavam nos lados do palco, porque o centro sempre era da "estrela", que podia ser um Procópio, ou Froes, jamais o elenco todo. Jaime reformulou esse conceito de espetáculo. Fez questão de contratar atores de grande gabarito para sua companhia e acabou com a história da estrela ficar só no meio do palco. "Sem bons atores, nada se faz" — costumava dizer.

Sua companhia, em certa época, contou com os nomes de Darcy Cazarré (um dos maiores atores característicos de seu tempo), Itala Ferreira (a melhor atriz cômica de sua época a quem a própria Dercy Gonçalves confessou imitar, no princípio de sua carreira), Valter Lousada e outros grandes das décadas de 20, 30 e 40.

Mesmo em constante atividade, o grande ator jamais deixou de estudar teatro. Não possuía uma biblioteca tão grande como Procópio, mas costumava reunir-se com atores amadores discutindo detalhes de encenação de peças, trocando idéias sobre as correntes teatrais em voga.

Essas discussões Jaime preferia que fossem travadas com jovens. Foi numa delas que o conheci, em Porto Alegre. No restaurante Treviso, conhecido como o preferido pelos artistas e boêmios da cidade, ele estava cercado de atores, atrizes, intelectuais e simples curiosos. Todos jovens.

As apresentações nem foram necessárias. Sentamo-nos à



Jaime acabou com a claqué, trouxe O'Neil e Pirandello e introduziu no teatro dezenas de jovens. Não era um velho ator, mas apenas um ator velho.

meça (acompanhava-me um amigo também ator) e logo estávamos discutindo sobre o valor de "My Fair Lady" como teatro. Alguns diziam que a peça era apenas comercial, fazia sucesso porque explorava o romantismo do público, ajudada por músicas bonitas e uma encenação luxuosa, Jaime defendia-a com unhas e dentes. Para ele "My Fair Lady" era um exemplo de musical excepcional. Tinha boa música, boa história, montagem grandiosa um bom elenco.

"Que é que vocês querem mais? — perguntava e acrescentava: "Teatro musical é isto. É um teatro de escape, sempre foi". Mas logo vinham os que lembravam "Opera de Tres Vintens", de Brecht, um musical, nem por isso alienado e a discussão se acirrava, Jaime ficava vermelho, irritava-se xingava, mas no fim sala abraçado com a gente e trocava de assunto: passava à política e aí sua agressividade voltava a se manifestar. Desancava o presidente, o governador, os deputados. E lembrava seu plano de popularização do teatro apresentado ao governo da Guanabara e que nem resposta mereceu. Dizia que a popularização não viria nunca sem a ajuda do Estado, que deveria abrir teatros de bairro e obrigar cada companhia profissional a dedicar um dia de espetáculo por semana a esses teatros de bairro. "Mas cobrando, é claro"

— ressaltava. Ele não acreditava em teatro gratuito.

O fim da noitada era também teatro. Jaime ia conosco até a sala de ensaios, assistir a um ensaio que fazíamos, para que ele nos desse sugestões. E ele dava com profusão admitindo o diálogo, quando não achávamos interessante o aproveitamento de sua opinião. Num desses ensaios ele me deu uma lição que jamais esquecerei. Estávamos ensaiando uma comédia brasileira dos anos 20, sobre o jogo do bicho, na base da interpretação estilizada exagerada mesmo em alguns pontos. Acreditando pouco na peça, o diretor havia imposto aos atores entre os quais eu, um ritmo estonteante. Ele ouviu e viu tudo, em silêncio e no fim perguntou: "Para que esse atropelo?" O diretor explicou seu ponto de vista: a peça era fraca, precisava ser "aligeirada" para render. Foi então que ele falou: "Teatro é claro-escuro, é modulação, a gente tem que dar fôlego ao espectador de vez em quando, para depois, quando ele se sentir bem acomodado na poltrona obrigá-lo a se levantar novamente. Se você duvida da peça coloque a maior quantidade possível de claros-escuros. Se ela não funcionar assim, corto o pescoço. Desse jeito que você está fazendo, posso lhe garantir que será fracasso". Nosso diretor teimou e levou a peça no seu estilo. Fracasso total. Dois meses depois, remontamos o espetáculo na base do claro-

escuro de Jaime Costa. Sucesso absoluto.

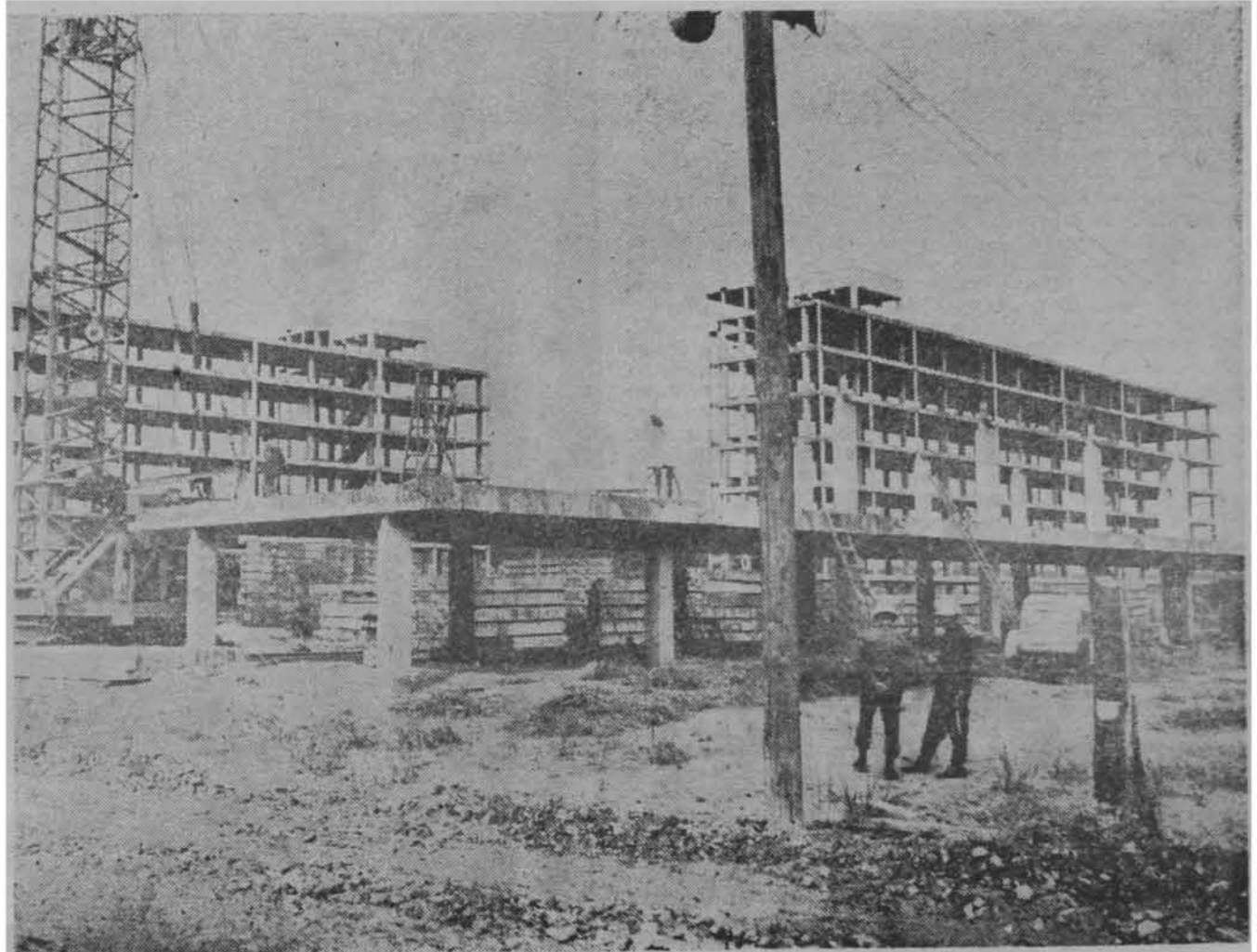
Mais uma vez, Jaime Costa acertara. Três anos depois, vim reencontrá-lo, aqui, em São Paulo. Tivera uma rápida passagem pela televisão, mas não gostou nada do que lhe exigiram fazer ("programas humorísticos que de humorísticos só tem o nome com tudo feito na base da improvisação, nessa eu não caio") e retornou à sua velha paixão: o teatro. Em sua última representação, "Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come", Jaime fazia parte de um elenco jovem, "pra frente" como ele mesmo o classificava e tinha uma alegria sentimental: Oduvaldo Viana Filho o autor da peça, é o filho do mesmo Oduvaldo Viana que o lançara no teatro, no início de 1920. Foi rindo satisfeito que ele comentou, para mim, aboletado numa das mesas do restaurante "Papai": "Não lhe disse que sou apenas um ator velho! Estou trabalhando com a turma jovem de maior talento do Rio!"

Acrescento que seu desempenho, como sempre, era excepcional como a crítica o reconhecia.

Foi fazendo esta peça que Jaime chegou ao fim de sua carreira. Praticamente, uma morte no palco, à la Molière, como ele sempre desejou. Em nome dos jovens seus amigos, remeto-lhe, agora nosso último abraço.

DEPOIS DA QUEDA

"A idéia é simplória. A avenida inútil." Assim o Secretário da Educação, prof. Antonio Barros de Ulhôa Cintra definiu a derrubada do prédio "J" do Conjunto Residencial da Cidade Universitária. No entanto, sem discussão, quase sem exceção, o prédio caiu. Os alunos moveram uma ação popular contra o reitor Gama e Silva mas, até agora, este é o ganhador da batalha.



O prédio "J" do Conjunto Residencial da USP já caiu. Sobre o seu lugar, começa a erguer-se a avenida que o reitor tanto quis. O professor Gama e Silva atingiu os seus propósitos, vencendo 13 mil estudantes, e em breve seu carro rodará por sobre o sonho de Armando Salles. Para isto, bastou-lhe o instrumento pelo qual consegue tudo: o Conselho Universitário.

Mas, enquanto isto corre nos tribunais a ação popular que contra ele foi movida por três estudantes. Ele já foi citado em juízo, mas a imprensa nada falou. Ele tenta impedir a tramitação do processo que, no entanto, continua em andamento.

Os fatos já são bem conhecidos. O sr. Reitor propõe ao Conselho Universitário a construção de uma avenida que passasse pelo meio do Conjunto Residencial indo desembocar diretamente na Reitoria.

O traçado original previa (e foram construídas) duas avenidas perimetrais que enlaçavam, por assim dizer, o CRUSP indo se ajuntar na frente da Reitoria.

Dentro desse laço, além do CRUSP, ficariam os centros de convivência geral e cultural. O centro de convivência cultural situado bem diante da Reitoria, alojaria o gabinete do Reitor, o Conselho Universitário, as aulas magnas, a Biblioteca Central e os museus culturais, entre os quais o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, com acervo mundialmente famoso.

O centro de convivência geral compreende os 12 prédios de residência (6 dos quais já construídos), a praça de esportes, o teatro universitário e o centro de vivência dos estudantes.

Estes 2 centros de convivência constituem o "core" da C.U. É o centro aglutinador e interrelacionador de todas as atividades.

Uma vez exposto, sumariamente o plano da CUASO, torna-se claro que a abertura de tal avenida e consequente derrubada de um dos edifícios do CRUSP é, na realidade, uma cisão neste plano e no processo de formação do mesmo que, em última instância, é o processo de transformação de um aglomerado de Faculdades, no qual o saber é compartimentado e estanque, para um todo integrado, tendo como campo a realidade cultural contemporânea. Em outros termos: trata-se do embate entre duas mentalidades. Aquêles que

veem o ensino superior como mero instrumento de formação de técnicos a serviço das estruturas cristalizadas pelo passado e aquêles que entendem que a cultura é um todo único, baseada na pesquisa constante de novos valores, conhecimentos e técnicas, constituindo-se em ponta de lança do processo de desenvolvimento nacional.

O Conselho Universitário, apressadamente, aprovou tal decisão. Com ela, não somente estruturas ainda não construídas foram comprometidas, como também um prédio do CRUSP, o J, teve de ser demolido. E o C.U., na sua ansia de bem servir ao Reitor esqueceu-se de modificar o plano, designando outro local para alojar os prédios dos centros de convivência geral e cultural ainda não construídos. Não faz mal. Deus proverá.

A brincadeira toda (não podemos considerar mais que isso) ficará em aproximadamente 2 bilhões de cruzeiros. Numa terra em que o orçamento educacional é altíssimo, como o nosso, não faz a mínima diferença...

Protestos choveram. O Instituto Brasileiro de Arquitetos, antigos reitores, profissionais abalizados. Tudo em vão. O Reitor insiste em que "às vezes os advogados tem idéias melhores que os arquitetos".

Os estudantes e residentes protestaram violentamente. Sob a liderança do órgão de coordenação estudantil da Universidade, o Diretório Central de Estudantes-Livre da USP (DCE-Livre) foram concertadas ações em 2 campos, visando impedir a demolição do prédio "J": por um lado sabotagens no guinaste, o "submarino amarelo" até que a Reitoria cercou o local com arame farpado, colocando 20 holofotes para impedir sabotagens noturnas, acompanhados de dezenas de bem-educados "protetores da cultura" armados de submetralhadoras; por outro lado, foi iniciada uma ação popular contra o ato do Reitor por tentativa de dano à coletividade. Foi subscrita pelos presidentes do DCE-Livre da USP, Carlos Eduardo Baldijão, do Grêmio Politécnico, Clóvis Carvalho, e do CA de Farmácia e Bioquímica, Sérgio Claudio Lopes.

O prédio já foi derrubado. A ação popular continua em andamento, apesar das desesperadas tentativas feitas para impedir a sua tramitação. E o pano cai sobre mais um triste ato da tragédia que esta nação vive desde 64.